



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
COLEGIADO DO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

PALOMA GARDÊNIA DA SILVA FAUSTINO

**A FORMAÇÃO DOS SUBCENTROS: Um estudo de caso do bairro Brasil
na cidade de Vitória da Conquista - Bahia**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2014

PALOMA GARDÊNIA DA SILVA FAUSTINO

A FORMAÇÃO DOS SUBCENTROS: Um estudo de caso do bairro Brasil na cidade de Vitória da Conquista - Bahia

Trabalho monográfico apresentado ao Curso de Economia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito para aprovação na disciplina Monografia II e obtenção do grau de Bacharela em Ciências Econômicas.

ORIENTADOR: PROF. ME. RONAN SOARES DOS SANTOS

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2014

PALOMA GARDÊNIA DA SILVA FAUSTINO

A FORMAÇÃO DOS SUBCENTROS: Um estudo de caso do bairro Brasil na cidade de Vitória da Conquista – Bahia

Trabalho monográfico apresentado ao Curso de Economia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito para aprovação na disciplina Monografia II e obtenção do grau de Bacharela em Ciências Econômicas.

Aprovada em XX/XX/XXXX

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Ronan Soares dos Santos

Orientador

Prof.

Examinador(a)

Prof.

Examinador(a)

RESUMO

O espaço urbano enquanto materialização dos vários processos sociais e espaciais mostra-se dinâmico, sofrendo modificações ao longo do tempo e conforme a necessidade dos diferentes agentes ali inseridos, possibilitando dessa forma a estruturação e reestruturação urbana. O objetivo deste trabalho é explicitar quais foram os fatores que levaram o bairro Brasil a se tornar o primeiro subcentro da cidade de Vitória da Conquista, bem como as causas da sua consolidação. O presente estudo utilizou pesquisa bibliográfica, descritiva e de campo. Este trabalho está composto pela introdução e em seguida por três capítulos, o primeiro trazendo o referencial teórico que se baseia principalmente nos estudos de Carlos (1994), Côrrea (1989), Silva (1992), Sposito (1998) e Villaça (2001). O segundo traz informações acerca da formação e transformações do espaço urbano da cidade de Vitória da Conquista, bem como fatores históricos e sociais que acarretaram nessas mudanças. O terceiro capítulo traz a história do surgimento do bairro Brasil, suas transformações sócio espaciais ao longo do tempo e os fatores que o levaram a ser um subcentro.

Palavras-chave: Espaço Urbano; Reestruturação Urbana; Subcentro.

ABSTRACT

The urban space as a materialization of various social and spatial processes shows up dynamic undergone changes over time and according to the need of different agents entered there, thus allowing urban structuring and restructuring. The objective of this work is to explain what were the factors that led the Brasil neighborhood to become the first sub-center of the city of Vitória da Conquista, and the causes of its consolidation. The present study used bibliographic, descriptive and field research. This work is composed by the introduction and followed by three chapters, the first bringing the theoretical framework that is mainly based on studies of Charles (1994), Corrêa (1989), Silva (1992), Sposito (1998) and Villaça (2001) . The second provides information about the formation and transformation of urban space in Vitória da Conquista, as well as historical and social factors that led to these changes. The third chapter brings the story of the emergence of the Brasil neighborhood, their socio spatial transformations over time and the factors that led him to be a sub-center.

Keywords: Urban Space; Urban restructuring; Sub-center.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----------|
| Figura 1 – Aspecto da antiga Rua Grande em 1925, atual praças Barão do Rio Branco e Tancredo Neves..... | 28 |
| Figura 2 – Abertura da estrada Vitória da Conquista – Jequié..... | 31 |
| Figura 3 – População Rural e Urbana do Município de Vitória da Conquista, 1940 – 2010..... | 34 |
| Figura 4 – Vitória da Conquista, 1976..... | 38 |
| Figura 5 – Vitória da Conquista, 1986..... | 39 |
| Figura 6 – Vitória da Conquista, 1996..... | 39 |
| Figura 7 – Vitória da Conquista, 2006..... | 41 |
| Figura 8 – Dia de feira na Rua Grande..... | 45 |
| Figura 9 – Feira livre na Rua Grande..... | 46 |
| Figura 10 – Praça da Piedade, posteriormente nomeada de Praça Nove de Novembro.. | 47 |
| Figura 11 – Feira livre na Rua Municipal..... | 48 |
| Figura 12 – Feira na Praça da Bandeira, ao fundo o Mercado Municipal..... | 48 |
| Figura 13 – CEASA já construída e em pleno funcionamento..... | 49 |
| Figura 14 – Inauguração da Rio-Bahia, 1963..... | 52 |
| Figura 15 – Planta do loteamento bairro Brasil..... | 53 |
| Figura 16 – Contrato de promessa de venda de um lote no bairro Brasil..... | 54 |
| Figura 17 – Limites do bairro Brasil..... | 57 |
| Quadro 1 – Relação dos nomes das avenidas, ruas, travessas e praças do bairro Brasil. | 58 |
| Figura 18 – Concentrações de Comércio e Serviços..... | 61 |
| Figura 19 – Prédio da parte fixa da feira do bairro Brasil..... | 62 |
| Figura 20 – Barracas da parte móvel da feira do bairro Brasil..... | 62 |
| Figura 21 – Em primeiro plano a parte móvel da feira e ao fundo o prédio da parte fixa..... | 63 |

| | |
|---|-----------|
| Figura 22 – Área destinada ao Mercado de carnes na feira do bairro Brasil..... | 63 |
| Figura 23 – Agência bancária do Bradesco no bairro Brasil..... | 64 |
| Figura 24 – Casa lotérica no bairro Brasil..... | 65 |
| Quadro 2 – Quantidade de comércios e serviços situados no bairro Brasil..... | 66 |
| Figura 25 – Avenidas com maior concentração comercial no bairro Brasil..... | 69 |
| Figura 26 – Loja que tem a sua matriz no centro da cidade..... | 70 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 08 |
| 1 A FORMAÇÃO DOS CENTROS E SUBCENTROS..... | 10 |
| 1.1 A produção do espaço urbano..... | 10 |
| 1.2 A formação do centro..... | 16 |
| 1.3 Os subcentros..... | 20 |
| 2 A FORMAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE VITÓRIA DA CONQUISTA..... | 25 |
| 2.1 Os primórdios do espaço urbano..... | 25 |
| 2.2 A formação do centro principal..... | 42 |
| 3 O SURGIMENTO DOS SUBCENTROS: O CASO BAIRRO BRASIL..... | 50 |
| 3.1 A origem do bairro Brasil..... | 50 |
| 3.2 Tratamento dos dados..... | 58 |
| 3.3 Expansão comercial e importância do subcentro bairro Brasil..... | 66 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 74 |
| REFERÊNCIAS..... | 76 |

INTRODUÇÃO

O processo de formação e transformação do espaço urbano é um tema bastante rico e interessante, uma vez que ao observar a cidade pode-se constatar a sua heterogeneidade, ou seja, as diferenças entre suas várias paisagens são evidentes, cada área é destinada para um fim, e isso é o que compõe a realidade urbana.

A dinamicidade do espaço urbano também é uma característica bastante importante, uma vez que o mesmo precisa se modificar a partir das necessidades daqueles que ali residem, trabalham, comercializam, produzem. Não é difícil ver, por exemplo, a abertura de novas ruas, demolição de casas antigas, entre outras modificações. Em suma, o espaço da cidade está a todo momento sendo produzido e modificado (CORRÊA, 1989).

O presente trabalho procura estudar como se deu a formação e transformação do bairro Brasil, bem como o mesmo se transformou num subcentro. O bairro em questão está localizado na cidade de Vitória da Conquista, que pertence por sua vez a região econômica do Sudoeste da Bahia.

Esse bairro originou-se a partir da necessidade de prover moradia aos trabalhadores que estavam trabalhando na construção da Rio - Bahia por volta do ano de 1940, em 1951, um loteador adquiriu as terras onde hoje o bairro está localizado, loteou-o, dando origem ao primeiro bairro que se formou do lado Oeste da cidade, o bairro Brasil.

O bairro Brasil chama a atenção pelas atividades econômicas ali localizadas, atividades essas que vêm crescendo e se aprimorando com o passar do tempo, hoje o bairro é um subcentro que possui um comércio sólido e diversificado, que atende os moradores de várias áreas da cidade, bem como de localidades circunvizinhas.

O principal objetivo deste trabalho é deixar explícito quais foram os fatores que levaram o bairro Brasil a se transformar no primeiro subcentro da cidade de Vitória da Conquista, bem como as causas da sua consolidação.

Enquanto hipótese de trabalho, acredita-se que a transformação do bairro Brasil num subcentro se deve a necessidade de otimizar a acessibilidade dos moradores do lado Oeste da cidade de Vitória da Conquista a produtos e serviços que antes só eram encontrados na área central da cidade, bem como a intervenção do poder público que também se mostra interessado em consolidar o comércio que ali se forma.

Com o passar do tempo o bairro recebe investimentos tanto do setor privado quanto do setor público, esta nova centralidade intensificou-se, inclusive, por não haver na cidade um outro subcentro.

Partindo da hipótese inferida, três objetivos específicos se impõem: apresentar o processo de urbanização da cidade de Vitória da Conquista, bem como a formação do seu centro principal; de que forma surge o bairro Brasil; e os fatores que levaram o mesmo a se transformar num subcentro.

Quanto aos procedimentos metodológicos utilizou-se pesquisa bibliográfica, descritiva e de campo. A pesquisa bibliográfica utilizada como subsídio essencial para compreender a realidade estudada, recorrendo aos estudos dos seguintes autores: Carlos (1994), Côrrea (1989), Ferraz (2001), Silva (1992), Sposito (1998), Tanajura (1992), Viana (1982) e Villaça (2001). Já os levantamentos documentais foram feitos a partir da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, agregando-se também documentos e jornais do Museu Regional de Vitória da Conquista.

Entre as técnicas de pesquisa utilizou-se como ferramenta entrevistas com duas pessoas diretamente ligadas à história da cidade de Vitória da Conquista e do bairro Brasil, a exemplo do advogado e historiador Ruy Medeiros, e o aposentado Flávio Ribeiro Flores que ainda hoje está a frente do escritório de Gildásio Cairo. Além das entrevistas foram colhidos depoimentos de vários moradores do bairro.

A fim de fornecer um embasamento maior ao estudo de caso, fez-se necessário a realização de pesquisa de campo, buscou-se conhecer a realidade do subcentro mais de perto, especialmente no que se refere às atividades econômicas que ali estão localizadas.

O presente trabalho estrutura-se em três capítulos, a saber: no primeiro capítulo são apresentados os elementos teóricos referentes à pesquisa. No segundo capítulo estão contidas informações a respeito do espaço urbano de Vitória da Conquista, sua formação e transformações ao longo do tempo. No terceiro e último capítulo procura-se reconstituir o processo de transformação do bairro Brasil, desde que ele se originou até o seu papel atual no espaço urbano de Vitória da Conquista. E por fim apresentam-se as considerações finais.

1 A FORMAÇÃO DOS CENTROS E SUBCENTROS

1.1 O espaço urbano

As primeiras cidades surgiram na antiguidade, em torno de 5.000 a.C. entre elas pode-se destacar: Kisch, Ur e Uruk. Segundo Carlos (1994), associa-se ao surgimento das cidades no mínimo seis elementos: a divisão do trabalho; divisão social entre as classes; acumulação de novas tecnologias; produção do excedente agrícola que é consequência das novas tecnologias; um sistema eficiente de comunicação e uma centralização espacial das atividades não agrícolas.

À medida que o homem se apropria da terra e a transforma ao passar do tempo, ele produz e reproduz o espaço urbano. A forma que se dará a utilização pela sociedade dessas áreas é que vai definir que tipo de área será aquela e como se dará a sua transformação ao longo do tempo. Portanto, podemos afirmar que esse espaço será um produto histórico e social, ou seja, o homem transformará o espaço urbano segundo suas crenças, valores, necessidades, normas e interesses econômicos, fatores que orientam suas intervenções e relações com o espaço.

As mutações sofridas pelo espaço urbano se darão ao decorrer do tempo conforme as ações dos indivíduos que ocupam esse espaço, essas transformações ocorrerão, portanto, para que o espaço urbano seja adequado às necessidades dos agentes que ali moram, consomem, produzem, trabalham etc. Referindo-se a essa questão, Carlos (1994) afirma que:

O desenvolvimento das forças produtivas produz mudanças constantes e com estas, a modificação do espaço urbano. Estas mudanças são hoje cada vez mais rápidas e profundas, gerando novas formas e configurações espaciais, novo ritmo de vida, novo relacionamento entre as pessoas, novos valores. Por outro lado, o espaço é cada vez mais o espaço mundial e as relações entre os homens dependem cada vez mais de decisões tomadas a milhares de quilômetros de seu local de residência. (CARLOS, 1994, p.26).

Portanto, pode-se perceber que o desenvolvimento das forças produtivas de uma determinada localidade está diretamente ligado à produção e/ou reprodução do espaço urbano, pois essas relações que se dão a todo o momento entre os indivíduos inseridos nesse espaço para a busca desse desenvolvimento não acontecem sem deixar suas marcas na sociedade e no espaço na qual ela está inserida.

Ainda acerca dessa discussão Sposito (1998), afirma que o espaço é história, ou seja, as cidades de hoje são resultado de cidades anteriores que sofreram transformações ao longo

do tempo, transformações essas sociais que acarretaram no que o espaço é hoje. A cidade de hoje é o resultado de tudo que aconteceu às outras cidades anteriores, produzida pelas transformações que ocorreram na sociedade através dos tempos. Concordando com a autora supracitada Carlos (1994, p. 24) escreve o seguinte: “[...] A paisagem urbana, enquanto forma de manifestação do espaço urbano, reproduz num momento vários momentos da história. Ai emergem os movimentos, a multiplicidade dos tempos que constituem o urbano[...]”.

A apropriação e a utilização da terra se darão de forma a beneficiar de alguma forma o próprio homem que modificará o meio onde ele vive fazendo com que o mesmo se adapte a suas necessidades, seja ela para construção de uma moradia, de uma igreja, de uma escola, de uma praça ou até mesmo para ampliação de uma indústria. Essas diversas formas de usufruir da terra é que resultará na composição do espaço urbano. Corrêa (1989), ao referir-se a esta discussão destaca que:

O espaço de uma grande cidade capitalista constitui-se, em um primeiro momento de sua apreensão, no conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras aquelas de reserva para futura expansão. Este complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a *organização espacial* da cidade ou, simplesmente, o espaço urbano, que aparece assim como espaço fragmentado. (CORRÊA, 1989, p. 7).

Corrêa (1989) conclui que o espaço urbano é composto por várias formas de uso da terra, a forma como se dá esse uso é que irá definir áreas como o centro da cidade, áreas onde serão implantadas as indústrias, áreas residenciais distintas em termos, forma e conteúdo social, áreas destinadas ao lazer, áreas onde ficarão concentradas as atividades comerciais, de serviços e de gestão e ainda aquelas que ficarão reservadas para uma futura expansão.

Dessa forma, o espaço urbano se apresentará como espaço fragmentado. Carlos (1994) complementa a fala de Corrêa (1989) enfatizando que o acesso a terra acontece de forma cada vez mais segregada, isso se dará porque num determinado momento o solo será utilizado enquanto meio de produção e em outros momentos como bem necessário à manutenção da vida.

Segundo Corrêa (1989), esse espaço apesar de ser fragmentado ainda apresenta uma articulação entre as várias áreas que o compõe, ou seja, ele afirma que cada área mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade variável, essa articulação se dá, por exemplo, no ato do deslocamento de pessoas entre as áreas residenciais e os diversos

locais de trabalho, entre os locais de trabalho e as áreas de lazer, entre outros deslocamentos necessários no dia a dia da sociedade.

Além dessa articulação mais visível, Corrêa (1989), afirma também que há uma articulação que se dá de forma menos visível, no sistema de produção capitalista ela se apresenta através das relações que envolvem a circulação de decisões e investimentos de capital, mais-valia, salários, juros, rendas, envolvendo também a prática do poder e da ideologia. Além disso, ele também afirma que o espaço urbano é um reflexo da sociedade, ou seja, ele reflete tanto as ações que acontecem nesse momento quanto as que aconteceram no passado como mostra o trecho escrito por Corrêa:

Ao se constatar que o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado, e que esta divisão articulada é a expressão espacial de processos sociais, introduz-se um terceiro momento de apreensão do espaço urbano: é um reflexo da sociedade. Assim, o espaço da cidade capitalista é fortemente dividido em áreas residenciais segregadas, refletindo a complexa estrutura social em classes. (CORRÊA, 1989, p. 8).

Exemplificando essa mutação sofrida pelas cidades Sposito (1991) traz algumas observações acerca do que aconteceu nas cidades comerciais européias com a ascensão do capitalismo comercial:

O capitalismo comercial ajudou a criar nas cidades uma infraestrutura muito importante para o desenvolvimento industrial. Houve um grande avanço técnico e científico, formou-se uma rede bancária e um mercado urbano, pois na medida em que, afastados de suas condições de produção no campo e impedidos de continuar a realizar sua produção artesanal, os trabalhadores tornaram-se consumidores dos elementos necessários à sua sobrevivência. (SPOSITO, 1991, p. 51).

Concordando com Sposito (1991), Corrêa (1989), também afirma que o espaço urbano é um reflexo da sociedade, esculpido a todo o momento pelas necessidades e ações da sociedade. Ele, também discorre a respeito de uma outra característica desse espaço (especialmente o da cidade capitalista), segundo ele esse espaço é profundamente desigual e também dispõe de uma mutabilidade complexa, com ritmos e natureza diferenciados. Essa desigualdade social característica do espaço urbano, levam esse espaço a ser também o cenário de lutas sociais, como as greves nos vários setores, as barricadas e os movimentos sociais urbanos.

Complementando essas observações de Corrêa (1989) e Sposito (1991), Carlos escreve que:

A cidade representa trabalho materializado; ao mesmo tempo em que representa uma determinada forma do processo de produção e reprodução de um sistema específico, portanto, a cidade é também uma forma de apropriação do espaço urbano produzido. Enquanto materialização do trabalho social, é instrumento da criação de mais-valia, é condição e meio para que se instituem relações sociais diversas. Nessa condição apresenta um modo determinado de apropriação que se expressa através do uso do solo. O modo pelo qual esse uso se dará dependerá evidentemente, dos condicionantes do seu processo de produção. (CARLOS, 1994, p.27).

Percebe-se então que as várias instâncias das cidades não estão localizadas aleatoriamente dentro do espaço urbano, e sim que a forma que se dará a utilização do solo dependerá dos interesses da sociedade, e principalmente dos interesses do sistema de produção capitalista, vale salientar que esse espaço se constrói e se reproduz de forma desigual, afinal de contas o mesmo está inserido num contexto de desigualdade social, fomentando as lutas sociais entre as classes.

Em relação ao fato de o espaço urbano se tornar um cenário de lutas sociais, Carlos (1994), concorda com Corrêa (1989), essa similaridade entre os pensamentos dos dois autores pode ser vista a seguir:

O processo de reprodução espacial envolve uma sociedade hierarquizada, dividida em classes, produzindo de forma socializada para consumidores privados. Portanto, a cidade aparece como produto apropriado diferencialmente pelos cidadãos. Essa apropriação se refere às formas mais amplas da vida na cidade; e nesse contexto se coloca a cidade como palco privilegiado das lutas de classe, pois o motor do processo é determinado pelo conflito decorrente das contradições inerentes às diferentes necessidades e pontos de vista de uma sociedade de classes. (CARLOS, 1994, p.23).

Carlos (1994) também afirma que o espaço urbano é apropriado de maneiras diferentes, refletindo assim os vários interesses dos diversos membros da sociedade, interesses esses ora convergentes e outrora divergentes, no que se refere a essa afirmação a autora escreve que:

São os diversos modos de apropriação do espaço que vão pressupor as diferenciações de uso do solo e a competição que será criada pelos usos, e no interior do mesmo uso. Como os interesses e as necessidades dos indivíduos são contraditórios, a ocupação do espaço não se fará sem contradição e, portanto sem luta. (CARLOS, 1994, p.42).

Ainda segundo Carlos (1994), a utilização do solo não se dará sem conflitos pelo simples fato que os interesses entre as classes são contraditórios, enquanto os proprietários dos meios de produção tem por objetivo otimizar a sua produção, demandando novos terrenos

para criação ou ampliação das suas indústrias, a sociedade anseia por condições dignas e melhores de reprodução da vida.

O espaço urbano é, portanto, a expressão visível de como a sociedade está organizada. Nele se reproduz as desigualdades sociais de uma determinada sociedade e, portanto, as desigualdades de renda entre as classes sociais que a compõem. A sociedade deixa, assim, no processo de produção do espaço urbano, as “marcas” de como está distribuído o poder econômico e político.

Segundo Corrêa (1989), os agentes responsáveis por fazer e refazer o espaço urbano são: Os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos.

Ainda segundo Corrêa (1989), os proprietários dos meios de produção aparecem como grandes consumidores de espaço, por isso demandam terrenos amplos e baratos e que ao mesmo tempo se localizem de forma favorável a sua atividade, esses terrenos têm que se localizarem em áreas acessíveis à população que irá demandar as mercadorias produzidas e deveram também se localizar de maneira que venha facilitar o escoamento dessas mercadorias.

Silva (1992), apesar de não apresentar uma discussão acerca da formação de subcentros que é o foco desse trabalho, mostra-se importante nesse trabalho uma vez que ele apresenta algumas observações acerca desse espaço demandado pelos proprietários dos meios de produção, e pela sociedade em geral, ele afirma que a terra não é um meio de produção qualquer, por tratar-se de um meio de produção finito, onde não é possível uma reprodução da mesma, e suas características naturais, artificiais e de acessibilidade geralmente não se repetem. Portanto, o preço da terra será determinado em parte pelo controle que o proprietário da terra exerce sobre a sua demanda e pela disposição que o proprietário dos meios de produção tem de pagar pela terra.

Concordando com Silva (1992), Carlos (1994) observa que no espaço urbano a terra deixa de ser um instrumento de produção imediata, como no campo e que a produção do espaço urbano não utiliza apenas a incorporação de novas áreas, já que essas são finitas, porém também se utilizam do adensamento e da verticalização para tirar um maior proveito daquele terreno em questão.

Para Sposito(1991), as cidades tendem a se transformar recebendo reflexos dessas relações entre os agentes transformadores do espaço urbano, fornecendo assim a sustentação necessária para as transformações estruturais que a produção capitalista necessita. Carlos (1994) complementa essa afirmação de Sposito (1991), dizendo que no espaço urbano os

interesses dos capitalistas, a ação do Estado e a luta dos moradores que resistem a falta de direito sobre a cidade se fundem, formando um processo de lutas de classes, uma vez que o acesso a terra não se dará de forma igualitária.

Essa luta de classes se dará muitas vezes, porque existe um conflito de interesses entre esses tais agentes transformadores do espaço urbano, uma vez que para aumentar o ganho de um deles o outro sofrerá uma perda, um bom exemplo para avaliar esse caso seria a especulação quanto ao preço da terra; com essa atitude somente o proprietário da terra estará ganhando, uma vez que o proprietário dos meios de produção perderá uma parte do seu lucro, pois ao expandir sua empresa ele demandará mais terra que com especulação será mais cara do que anteriormente. O sujeito responsável por mediar conflitos como esse é o Estado, que possivelmente dará um parecer favorável ao detentor dos meios de produção, uma vez que dele depende a vida econômica e política do espaço urbano.

Os proprietários fundiários que formam outro grupo de agentes responsáveis pelas transformações do espaço urbano se apresentam como detentores de terra que tem como objetivo aumentar o preço das mesmas para obter um maior lucro. Eles podem agir pressionando o Estado para construir uma infraestrutura que favoreça a valorização dos seus terrenos, e quando isso não for possível eles podem também pleitear financiamentos junto aos bancos para que eles mesmos possam realizar essas melhorias. Podemos citar como melhoria o asfaltamento de uma rua, a implantação de saneamento básico naquela localidade, a iluminação de uma rua, etc., tudo isso fará com que determinado(s) terreno(s) tenha(m) mais valor de troca, aumentando assim o lucro dos proprietários fundiários. Silva (1992) ao referir-se a essa questão aborda que:

No contexto urbano, o preço do terreno estará vinculado às modificações no ambiente construído, que alterarão os atributos do terreno proporcionando ao mesmo vantagens locacionais na forma de renda fundiária. Sendo o capital privado em parte responsável pela transformação do ambiente construído urbano, é fácil crer que o mesmo tenha interesse de se apropriar de parte daquelas vantagens locacionais criadas pelos proprietários fundiários. (SILVA, 1992, p. 55).

Observa-se então que é interessante para os proprietários fundiários que seus terrenos sejam cada vez mais valorizados, uma vez que é daí que ele aumentará o seu lucro na venda desses terrenos.

O Estado aparece dentre esses agentes como o que detém maiores poderes para modificar o espaço urbano, e conseqüentemente a vida das pessoas inseridas nesse espaço, por isso ele se apresenta também como o mais cobrado de todos. O Estado tem em suas mãos

vários mecanismos que podem ser utilizados a fim de valorizar determinadas regiões desse espaço em questão. Segundo Corrêa (1989), os serviços públicos como saneamento básico, iluminação pública, sistema viário, construção de parques, coleta de lixo etc. favorecem as empresas, os proprietários fundiários, bem como a população em geral.

Como já citado nesse texto, uma das características desses espaços urbanos é a grande desigualdade social, de um lado poucas pessoas com o poder aquisitivo de morar em um local privilegiado e ter acesso a vários serviços como saneamento básico, iluminação pública, lazer entre outros, e do outro lado uma grande parte da população sem o poder de pelo menos ter um lugar para morar; esse segundo grupo é o que denominaremos de o grupo dos excluídos socialmente, que a sua maneira também transforma o espaço urbano, pois ao se depararem com a falta de moradia eles constroem suas moradias em terrenos públicos ou privados ocupados, modelando assim o espaço urbano a sua maneira.

Portanto, fica claro que as modificações que acontecem ao longo do tempo no espaço urbano se devem a sociedade e suas escolhas como um todo, pois é a partir dos seus interesses e ações que será modelado e remodelado esse espaço ao longo do tempo. Levando em conta que essas modificações se darão muitas vezes para fomentar ainda mais o sistema de produção capitalista, em detrimento das classes sociais menos abastadas, o espaço urbano, portanto, será reflexo dessa desigualdade social, ou seja, o espaço urbano retratará essa diferenciação e divisão entre as classes sociais que compõem a sociedade.

1.2 A formação do centro principal

As cidades são consideradas como um espaço onde ocorre produção, circulação e consumo, desta forma, existe uma necessidade de concentração de equipamentos, atividades e serviços, de forma que haja uma dinâmica melhor nessas relações econômicas que se dão a todo momento.

O fato de existir essa concentração acaba rumando para uma centralização urbana, ou seja, o fato de em determinada área da cidade haver um fluxo maior de pessoas, meios de transportes, capitais, decisões e principalmente mercadorias faz surgir áreas centrais, áreas essas que possuem características diferenciadas das outras áreas do espaço urbano. E não se pode deixar de citar que esse acontecimento facilita principalmente a acumulação de capital, pois essa centralização culmina numa otimização do tempo, numa facilitação do escoamento de mercadorias, num maior acesso dos consumidores aos produtos entre outras facilidades.

Na teoria, a área Central, ou centro principal da cidade, tem como característica a concentração de atividades relacionadas ao comércio varejista, aos serviços e aos estabelecimentos burocráticos do Estado. Essa forma que o espaço urbano adquire por sua vez é resultado do processo de centralização espacial, e está associado diretamente à economia de mercado, no capitalismo industrial. O surgimento da área Central constitui-se em momento em que as relações, principalmente as comerciais entre as cidades e o restante do mundo são intensificadas.

Corrêa (1989), afirma que os processos sociais é que serão os responsáveis por dar origem as formas espaciais, ou seja, os agentes modeladores do espaço urbano irão modelar esse espaço conforme suas necessidades, fazendo com que a localização e a realocação de cada área seja fruto das ações desses indivíduos. Portanto, pode-se afirmar que a localização do centro da cidade está diretamente ligada à facilidade que essa localização trará para os seus agentes reprodutores do espaço urbano.

Em concordância com Corrêa (1989), Villaça (2001) também traz a afirmação de que a localização da área central é consequência da busca pela minimização do tempo gasto para se realizar, por exemplo, transações comerciais, deslocamento para o local de trabalho, enfim, para que haja outras relações sociais entre os indivíduos da sociedade de uma forma mais facilitada.

Um dos acontecimentos sociais que ganha um destaque importante no estudo da questão da transformação do espaço urbano e também em relação a escolha de um determinado local para ser o centro da cidade é a Revolução Industrial, segundo Sposito (1991), as transformações ocorridas na cidade constituíam-se em produto e condição do modo de produção que estava se impondo: o capitalismo, em sua fase denominada industrial ou concorrencial.

Corrêa (1989), também evidencia a importância da Revolução Industrial nessas transformações afirmando que com esse acontecimento passou a existir uma maior ligação da cidade com o mundo exterior, essas novas relações que surgiram a partir daí deram uma maior importância ao sistema ferroviário, fazendo com que a partir da segunda metade do século XIX esse fosse o mais importante meio de transporte inter-regional. Esse sistema recebeu grandes incentivos por meio da iniciativa privada, algumas cidades eram servidas por numerosas linhas ferroviárias, o que facilitava a locomoção, transformando-as em grandes centros. A respeito disso, Corrêa destaca que:

Dado o esquema centralizador dos meios de transportes, que são, no período que se estende da segunda metade do século XIX até meados do século XX, caracterizados por enorme rigidez espacial pelo fato de serem transportes sobre trilhos – trens e bondes-, verifica-se que o acesso ao mercado consumidor e às fontes de matérias-primas não é, no âmbito da cidade, uniforme, privilegiando o local em torno dos terminais de transporte, a área central. Aí as empresas passam a dispor de *externalidades*, seja decorrente da acessibilidade, seja do fato de estarem juntas, gerando economias de aglomeração. (CORRÊA, 1989, p. 39).

Logo as atividades que são voltadas para esse mundo exterior começam a emergir nos mesmos locais onde estão localizados os terminais ferroviários, pois desta forma será mais fácil escoar a mercadoria produzida reduzindo principalmente o custo de transporte dessas mercadorias. Várias consequências surgiram a partir daí, diante de um maior acesso de pessoas a esses terminais, as indústrias vislumbraram que ali seria o melhor lugar para suas instalações, pois dessa forma eles teriam os seus produtos mais perto do grande público, facilitando assim a comercialização.

Carlos (1994) observa que as atividades que darão apoio a indústria como, por exemplo, atividades financeiras, comerciais, de serviços e de comunicação também se deslocarão para essa área central, uma vez que dessa forma a relação entre elas serão facilitadas.

Esse deslocamento das indústrias e de outras atividades complementares para a área central culminou no desenvolvimento dos transportes intraurbanos que precisavam ofertar transporte para as pessoas que queriam ir e vir de outras partes da cidade fazer compras e buscar outros serviços, uma vez que a dinamicidade do centro dependerá fortemente do fácil acesso dessas pessoas ao mesmo.

Segundo Villaça (2001), existem várias afirmações a respeito do surgimento do centro da cidade, algumas afirmações dizem que: “É a partir do centro que surge o sistema viário principal da cidade”. Outras afirmam justamente o contrário, que: “O sistema viário principal converge para o centro”. Ainda segundo Villaça (2001), em cada afirmação existe um pouco de verdade, mas nenhuma das duas é totalmente esclarecedora.

Outro exemplo comum que ele cita em seu livro é que existem algumas afirmações que: “O centro é o centro pelo fato de abrigar o grande comércio e as sedes das grandes instituições”. Enquanto outras afirmam que: “As instituições ali estão localizadas porque ali é o centro”. O autor afirma que ambas as afirmações também possuem uma parcela de verdade, porém não explica a questão claramente.

Ainda segundo Villaça (2001), a determinação que faz com que os homens se organizem em aglomerados é a mesma que os leva a desenvolver qualquer força produtiva: é seu impulso inato no sentido de poupar o desgaste físico e mental envolvido no trabalho; surge um ponto que otimiza os deslocamentos socialmente condicionados da comunidade como um todo – um centro. O centro surge então a partir da necessidade de afastamentos indesejados, mas obrigatórios. Acerca dessa questão Villaça escreve que:

O desenvolvimento da vida social faz com que surjam atividades que exigem o deslocamento de muitos, para o mesmo ponto, às vezes ao mesmo tempo (governo, religião, comércio). Para o atendimento ótimo da maioria dos membros da comunidade, tais atividades devem localizar-se no ponto que minimiza o somatório de todos os deslocamentos. O(s) terreno(s) localizado(s) nesse ponto passa(m) a ter excepcional valor de uso. Ao mesmo tempo e pelo mesmo processo dialético, a acessibilidade a esse ponto passa a ser disputada pelos membros da comunidade, o que reforça o valor de uso do centro e, concomitantemente, dos pontos que lhe são mais acessíveis. (VILLAÇA, 2001 p. 239-240).

A conclusão a que chega Villaça (2001), é de que o centro não é o centro por causa da presença de palacetes, das catedrais ou dos bancos e nem o inverso é verdadeiro, os palacetes, as catedrais e os bancos não estão ali porque é lá que é o centro, o centro está localizado em determinada área porque possibilita que haja uma minimização do tempo gasto e do desgaste e custos associados aos deslocamentos espaciais dos seres humanos no seu dia a dia.

Corrêa (1989) complementa a discussão acima dando ênfase também ao fato de o centro ser o centro pela acessibilidade que atraiu de certa forma atividades nascentes ou em fase de ampliação, atraindo assim, por conseguinte o mercado consumidor, ampliando o mercado de trabalho e os transportes intraurbanos. Por isso ele verifica que existe uma forte ligação entre o emergir do sistema capitalista em sua fase plenamente industrial e o surgimento da área central.

Corrêa (1989) aborda também a questão dos preços dos terrenos na área central, ele verifica que os preços dos terrenos ali se elevaram, levando a uma seleção de atividades, permanecendo ali naquele local, aquelas atividades que gerem lucro ainda que se paguem custos locacionais elevados, as empresas que não conseguiam pagar esses custos teriam que migrar para outras áreas onde os custos locacionais fossem menores. Portanto, a área central se deu em parte como produto da ação dos detentores dos meios de produção.

Em concordância com Corrêa (1989), Villaça (2001) também constata que os terrenos localizados nesse ponto central passam a ter excepcional valor de uso, desencadeando também um aumento do valor de uso dos pontos que forem mais acessíveis ao centro.

Silva (1992) observa que os preços dos lotes de terra serão formados em parte de acordo com as atividades que são exercidas nas suas proximidades, e também pelas características das atividades econômicas que competem por seu uso. Carlos (1994) também entra nessa discussão, segundo a autora o solo urbano no papel de mercadoria tem um valor que se expressa segundo a sua localização e a facilidade da relação com o restante do espaço global.

Pode-se verificar dessa forma que num determinado momento os terrenos localizados na área central já não estarão disponíveis, pois como já fora discutido, trata-se de um meio de produção finito, e os que ainda estiverem vagos terão um preço muito elevado aumentando assim o custo de estar localizado naquela área, portanto, os detentores dos meios de produção procurarão formas de expandirem suas empresas sem ter que arcar com custos tão altos, uma das formas deles fazerem isso será vista na próxima seção que apresentará uma discussão acerca do fenômeno que é o surgimento dos subcentros.

1.3 Os subcentros

O espaço urbano passou e sempre passará por muitas mutações na sua forma espacial, mas não se pode deixar de lado as mudanças que ocorrem também nas suas relações de produção, mudanças essas que se evidenciaram principalmente após a consolidação do modo capitalista de produção, sistema esse que visa sempre à acumulação de capital.

Entre as modificações que podem ocorrer no espaço urbano, está a descentralização de comércio e serviços, que pode ocorrer com o surgimento de um *shopping Center*, de eixos comerciais e a formação de subcentros. Este trabalho se atentará apenas a um tipo de descentralização que é a formação do subcentro.

Miniaturas do que chamamos de centro principal, concorrendo em parte sem, no entanto se igualar a ele. É dessa forma que Villaça (2001) caracteriza o subcentro. Segundo ele o subcentro atende aos mesmos requisitos de otimização de acessibilidade o que é característico do centro principal, a diferença é que ele atende a apenas uma parte da cidade, enquanto o centro principal tem como característica atender a cidade como um todo.

A definição que Corrêa (1989) traz a respeito do subcentro é a seguinte: o subcentro é uma miniatura do núcleo central, possuindo uma gama complexa de tipos de lojas e de

serviços, comercializando uma enorme variedade de tipos, marcas e preços de produtos. Podemos perceber dessa forma que os autores Villaça (2001) e Corrêa (1989) concordam quanto à definição do que vem a ser os subcentros.

A definição de Sposito (1991) para o que se denomina de subcentro também não difere muito das definições supracitadas, para a autora os subcentros surgiriam em áreas distantes do Centro Principal onde houvesse uma alta densidade habitacional, esses subcentros seriam lugares onde é ofertada uma série de bens e serviços que, numa menor escala, conseguem atender as necessidades locais de determinada população que residem em áreas mais distantes do centro principal.

Entre todos os acontecimentos que levam ao surgimento dos subcentros, Sposito (1991) dá ênfase aos interesses pelos terrenos com preços mais acessíveis para a construção ou expansão de espaços comerciais, industriais e/ou de serviços, terrenos esses que se fossem localizados na área central seriam mais caros, gerando assim uma deseconomia para as empresas; a melhoria nos transportes intraurbanos que já não se limitam apenas aqueles em cima de trilhos, gera uma maior dinamicidade ao acesso às outras áreas da cidade e o rápido crescimento territorial urbano, que faz com que sejam utilizados terrenos cada vez mais distantes do centro.

Todavia, Sposito (1991) observa que o subcentro possui muitas das atividades presentes na área central, porém, numa menor escala, uma vez que o seu interesse é na demanda local. Não haverá uma substituição da área central pelos subcentros, uma vez que a área central continuará sendo o local que melhor atende as necessidades da população como um todo.

As áreas mais distantes do centro que antes eram ocupadas predominantemente por residências começam a apresentar uma nova roupagem, o comércio local se intensifica, e essa área começa a atrair novas empresas a fim de ofertar os produtos e serviços que os moradores daquele local estão demandando.

O surgimento do subcentro traz vantagens para os moradores daquele local uma vez que o mesmo não terá como única opção o centro da cidade podendo encontrar muitos produtos perto do local onde ela reside, culminando em uma economia de tempo e dinheiro, já que não mais será mais a área central opção única para as compras. E também trará algumas vantagens para as indústrias que encontrarão nos subcentros terrenos mais baratos do que na área central, reduzindo dessa forma os seus custos, podendo até vender seus produtos por preços menores.

Segundo Villaça (2001), o surgimento do primeiro subcentro do Brasil se deu em São Paulo, segundo ele o Brás em São Paulo foi o primeiro subcentro do Brasil na década de 1910; logo em seguida surge o subcentro da Tijuca no Rio de Janeiro na década de 1930. Apesar desse surgimento durante a primeira metade do século XX, foi apenas após 1970 que os subcentros atingiram seu apogeu. Mas quais são os fatores e o que ocorre no espaço urbano que levam ao surgimento desses subcentros?

Segundo Colby (1930 *apud* CORRÊA, 1989), existem alguns fatores que levam a repulsão da área central (consequentemente a necessidade de encontrar outras áreas): (a) aumento dos preços das terras localizadas na área central, aumentando os custos das empresas fazendo com que elas já não tenham capacidade de arcar com os custos de permanecer naquele local; (b) congestionamento causado pelo número elevado de automóveis naquela área causando assim uma elevação nos custos de transportes dificultando também a interação entre as firmas; (c) dificuldade de obtenção de espaço para expansão, dificuldade que afeta principalmente as indústrias em fase de crescimento; (d) restrições legais implicando a ausência de controle do espaço, limitando, portanto a ação das firmas e (e) a ausência ou perda de amenidades.

Em contrapartida Colby (1930 *apud* CORRÊA, 1989), verifica que a criação desses subcentros está condicionada à existência ou à criação de atrações nas áreas não centrais, como as seguintes: (a) existências de terras desocupadas a preços mais baixos do que aquelas da área central; (b) uma infraestrutura já instalada naquela área; (c) facilidade de transportes, fator que é muito importante, pois as empresas precisam interagir entre si e com o espaço externo; (d) qualidades atrativas do terreno, como por exemplo, a topografia, a drenagem e a existência de saneamento básico; (e) a possibilidade de controle do uso das terras e (f) amenidades.

Vários são os fatores que podem fazer surgir em alguns bairros distantes da área central o que denominamos subcentros, com o crescimento da cidade as áreas mais distantes do centro antes não utilizadas, passam a serem ocupadas por residências, essas pessoas que ali residem também demandam por produtos e serviços, dessa forma as firmas constataam que ali é um local onde ela poderá ofertar seus produtos, com custos menores uma vez que os terrenos nesses locais podem ser comprados por um preço mais baixo do que aqueles que estão localizadas na área central.

Tanto para Corrêa (1989), como para Sposito (1991) essa nova estruturação da acessibilidade no espaço urbano relaciona-se diretamente à difusão de meios de transportes mais flexíveis como o carro e o ônibus. Segundo Corrêa (1989) o surgimento de meios de

transportes que não se limitavam apenas aqueles que eram sobre trilhos fez com que fosse mais fácil chegar a outras áreas fora do centro, isso facilitou a melhor locomoção dos produtos e também das pessoas que agora poderiam ser transportados por ônibus, caminhões e automóveis, para várias partes da cidade.

Villaça (2001), por sua vez, também enfatiza a importância da característica acessibilidade na estruturação do espaço urbano. Para ele, as condições de deslocamento das pessoas na cidade, enquanto força de trabalho ou como consumidor, constituem-se na principal condicionante em relação ao processo de produção desse espaço:

A estruturação do espaço regional é dominada pelo deslocamento das informações, da energia, do capital constante e das mercadorias em geral – eventualmente até a mercadoria força de trabalho. O espaço intra-urbano[sic], ao contrário, é estruturado fundamentalmente pelas condições de deslocamento do ser humano, seja enquanto portador da mercadoria força de trabalho – como no deslocamento casa/trabalho-, seja enquanto consumidor - reprodução da força de trabalho, deslocamento casa-compras, casa-lazer, escola, etc. (VILLAÇA, 2001, p. 20).

Pode-se observar dessa forma que para o autor supracitado a formação do espaço urbano está diretamente ligada à facilitação no que diz respeito ao deslocamento de mercadorias, pessoas, matéria-prima, enfim, nas várias tarefas diárias, dessa forma a criação dos subcentros depende de uma aprimoração dos meios de transportes para que seja facilitado o acesso as várias áreas da cidade.

Ainda acerca dessa questão, Corrêa (1989) enfatiza que além de tornar o espaço urbano mais complexo, com vários núcleos secundários, o surgimento dos subcentros também favorece aos consumidores que residem naqueles locais que agora não gastarão tanto com deslocamento para chegar ao local onde eles pretendem comprar os produtos, sobrando assim mais dinheiro para que eles possam aumentar o seu poder de compra, o que é interessante também para os detentores dos meios de produção que conseqüentemente aumentarão suas vendas. Ainda segundo Corrêa (1989), essa realocação das indústrias para os subcentros acarretarão muitas vezes na venda do antigo terreno que era situado na área central, gerando assim um lucro, pois o terreno que ele adquirirá no subcentro é mais barato do que o da área central.

Corrêa (1989) chama a atenção para um fenômeno que pode vir a ocorrer concomitantemente com o fenômeno da descentralização: As firmas que existem nos bairros que virão a se tornar um subcentro, pequenas firmas sem economia de escala, não podem

concorrer de igual pra igual com as filiais das grandes firmas que surgirão naquele local, tendendo assim ao desaparecimento das mesmas, o que exemplifica claramente essa reorganização do espaço urbano.

Observa-se dessa forma que a reconstrução do espaço urbano se dá pelo interesse dos agentes que ali estão inseridos, o surgimento dos subcentros é um exemplo muito interessante para ilustrar essa reconstrução, pois esse surgimento é uma consequência de necessidades da sociedade, de um lado os consumidores que residem em locais mais distantes do centro que necessitam que sua demanda por produtos seja satisfeita sem que eles tenham que se deslocar até o centro e, por outro lado, os detentores dos meios de produção que necessitam expandir suas empresas sem que haja um custo abusivo com a compra de terrenos. Os benefícios dessas mudanças virão tanto para os consumidores que terão sua demanda satisfeita quanto para os detentores dos meios de produção que comprarão terrenos mais baratos e a cidade por sua vez ganha uma nova roupagem.

2 A FORMAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE VITÓRIA DA CONQUISTA

A formação e transformação que acontecem ao longo do tempo no espaço urbano se darão mediante as necessidades e ações dos agentes transformadores que ocupam determinado espaço deixando, dessa forma, suas marcas inseridas na história, no tempo e no espaço. Com o espaço urbano da cidade de Vitória da Conquista não poderia ser diferente, como pode ser observado no seguinte trecho escrito por Ferraz:

Vitória da Conquista, cidade situada no interior do Estado da Bahia, é palco de uma dinâmica urbana repleta de contradições e conflitos. A sua configuração territorial é resultado da ação de vários sujeitos produtores do espaço urbano, em constante luta pela conquista de seus interesses e necessidades (FERRAZ, 2001, p.21).

É exatamente a respeito dessa dinâmica urbana a qual se refere a autora que tratará o segundo capítulo deste trabalho, onde serão apresentadas informações referentes à gênese do espaço urbano de Vitória da Conquista, particularidades e acontecimentos que contribuíram para que o espaço urbano dessa cidade tenha essa roupagem atual. Inicia-se tratando a respeito da tomada de suas terras que, anteriormente, pertenciam a povos indígenas, suas transformações ao longo do tempo e o importante papel dos seus agentes transformadores, bem como a formação da sua área central.

2.1 Os primórdios do espaço urbano

Em relação aos primeiros habitantes que surgiram na região onde hoje está situada a cidade de Vitória da Conquista, Viana (1982) escreve que:

[...] A história de nossa amada terra conquistense é repleta de fatos dignos de nota. É muito bonita e começa pela conquista dos índios, que eram os legítimos senhores da terra, como seus primitivos habitantes, senhores absolutos da vasta região sudoeste da Bahia, até o ano de 1730[...] (VIANA, 1982 a, p.5).

Fonsêca (1999), também aborda essa parte histórica, segundo ele, até o ano de 1730, a região onde hoje está situada a cidade de Vitória da Conquista, era habitada por diversas tribos indígenas, entre elas as que se destacavam eram os Imborés, os Pataxós e os Mongoiós. Os Mongoiós possuíam uma aldeia local onde viria a surgir a cidade de Vitória da Conquista.

Segundo Medeiros (1977c), Portugal que no fim do século XVIII e início do século XIX, buscava formas de honrar seus compromissos com a Inglaterra, intensificou a exploração econômica do Brasil, que nessa época era colônia de Portugal, realizando nesse período incursões em busca de minas auríferas, e abertura de campos para o criatório de gado. Foi a busca desses interesses de Portugal que fez surgir vários núcleos populacionais, entre eles o que originou a cidade de Vitória da Conquista.

No entanto, esse território encontrava-se habitado por diversas tribos indígenas o que ocasionou na época várias batalhas travadas entre os conquistadores e os indígenas a fim de assegurar a dominação do território.

De acordo com Fonsêca (1999), o ano que marcou a história dessas batalhas foi 1752, o mesmo ano em que o bandeirante João da Silva Guimarães, na companhia do seu genro João Gonçalves da Costa venceu a batalha contra as tribos que até então habitavam o local que viria a ser a cidade de Vitória da Conquista, que naquele primeiro momento fora nomeada de “Arraial da Conquista” o primeiro povoado do Sertão da Ressaca.

Segundo Menezes (2010, p.139), o Sertão da Ressaca: “[...] É a área geográfica que corresponde hoje ao Planalto da Conquista. Suas terras situam-se entre o Rio Pardo e o Rio de Contas, e sua área geográfica era de aproximadamente 25 mil km².”

Conforme Ferraz (2001) em 1780 existia no Arraial da Conquista cerca de sessenta pessoas que ali habitavam, essa população era formada pelos fazendeiros, índios domesticados e escravos. No período de 1780 e 1816 o Arraial tinha como centro da sua economia a venda do algodão que era produzido ali mesmo, o artesanato de couro, a agricultura de subsistência e a passagem das boiadas que saiam do interior em direção a capital (aluguel de pastos aos boiadeiros e o imposto cobrado pelo município, imposto esse que era calculado por cabeça de gado ou muar¹ que transitasse pela estrada real). Nesse momento da história do Arraial constata-se a presença de aproximadamente quarenta casas e de uma igreja que estava em fase de construção e que futuramente abrigaria ao seu redor o início da urbanização.

No ano de 1817, passa pelas terras do Arraial da Conquista o príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, que faz escritos sobre o que viu ao passar por essas terras:

Arraial da Conquista, principal localidade do distrito, é quase tão importante como qualquer vila do litoral. Contam-se aí de trinta a quarenta casas baixas e uma igreja em construção. Os moradores são pobres; daí a razão por que os ricos proprietários das redondezas, as famílias do coronel João Gonçalves da

¹ Animal resultante do cruzamento entre um equino e um asinino.

Costa, o capitão-mor Miranda e algumas outras empreenderam a construção da igreja às suas expensas. Independentemente dos recursos que a cultura dos campos fornece para a subsistência dos habitantes, a venda do algodão e a passagem das boiadas, que vão para a Bahia, lhes proporcionam outros meios de vida. As boiadas que vêm do Rio São Francisco passam também por essa localidade, e algumas vezes vêm-se[sic] chegar, numa semana, para mais de mil bois, que se destinam à capital. O gado comumente emagrece, durante o longo trajeto que tem de percorrer, motivo pelo qual deixam-no descansar, aí, durante algum tempo, e mandam-no para se refazer nos pastos mais próximos. (MAXIMILIANO, 1817 apud VIANA 1982 a, p. 24).

O ano de 1840 é marcado pela elevação do então Arraial a categoria de Vila (Lei provincial de nº 124, de 19 de maio de 1840), passando a se chamar “Vila Imperial da Vitória”, e nesse mesmo ano, exatamente no dia 09 de novembro (data em que hoje se comemora o dia da cidade), fora criada a primeira câmara municipal, fazendo com que houvesse a partir dali uma autonomia política da Vila. Foi a partir desse momento que começou a existir uma preocupação com o planejamento territorial, a respeito disso, Tanajura relata:

Assim que o Arraial da Conquista foi elevado à condição de Vila em 1840, houve uma maior preocupação da Câmara de Vereadores quanto ao planejamento do perfil urbano da Imperial Vila da Vitória. Nota-se isso muito bem no fato de o Intendente ter nomeado, logo no ano seguinte, uma comissão para “anunciar os lugares próprios para becos, ruas e travessas, que devem haver na Villa.” (TANAJURA, 1992, p. 61).

Ainda segundo Tanajura (1992), as novas ruas, travessas e becos que começavam a surgir na Vila se davam a partir do núcleo primitivo de Vitória da Conquista que era a praça onde foi construída a igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória, espaço que durante muito tempo foi chamado de Rua Grande, espaço esse que se estendia desde a atual Catedral de Nossa Senhora até o atual edifício do Banco do Brasil (Figura 1).

Figura 1 – Aspecto da antiga Rua Grande em 1925, atual praças Barão do Rio Branco e Tancredo Neves.



Fonte: Arquivo Municipal, 2014.

Medeiros (1977e) complementa as informações a respeito das primeiras ruas da cidade, relatando que o arruamento primitivo da cidade se deu seguindo o curso do riacho da Vitória (Rio Verruga), levando em consideração que os quintais das casas que iam surgindo gradativamente davam para o riacho supracitado.

Ferraz (2001) também traz algumas informações importantes a respeito da gênese do espaço urbano em Vitória da Conquista, segundo ela no século XIX o crescimento urbano se deu lentamente e continuou assim até as primeiras décadas do século XX e ocorria nas direções norte/sul, acompanhando o leito de um córrego, cuja nascente era na Serra do Periperi no atual Poço Escuro. Ao final do século XIX a Vila Imperial da Vitória possuía onze ruas e duas praças, duas escolas públicas, seis escolas particulares, um cemitério com capela, uma igreja católica e lojas comerciais, o que era suficiente para abrigar a sua população e o que configurava o início da urbanização conquistense.

Ainda no século XIX, no ano de 1891, Vitória da Conquista emancipa-se politicamente e passa a se chamar Cidade da Conquista, a respeito da descrição física de Vitória da Conquista no ano de 1893, Aguiar ressalta:

A cidade, edificada em terreno acidentado, é formada de casas térreas e envidraçadas na sua maioria, e de poucos sobrados, caiados a tabatinga ou cal, formando onze ruas e duas praças. Na praça maior e mais central,

chamada de matriz, acham-se a igreja Paroquial de N. S. da Vitória, a única da cidade, e o paço do Conselho, propriedade particular. (AGUIAR, 1893 apud TANAJURA, 1992, p.61).

Ainda sobre as características de Vitória da Conquista nessa época Viana e Ferreira relatam que:

Nessa mesma praça há aos sábados uma feira bastante concorrida, onde a municipalidade possue[sic] um grande e bem proporcionado edifício. A cidade tem um cemitério bem colocado com capella[sic], e duas escolas públicas, além de seis particulares. Seu comércio é assas e importante e estende[sic] suas relações à Capital do Estado, às Cidades e Villas[sic] do Centro e aos municípios do Rio Pardo e outro do N. de Minas com cujo Estado limita-se.(VIANA E FERREIRA, 1893 apud TANAJURA 1992, p.61).

Nesse período da história segundo Tanajura (1992), o núcleo urbano apresentava um certo crescimento, e as habitações que existiam ali na Rua Grande eram mais bem cuidadas do que as demais, deixando exposto dessa forma o poder econômico de cada um dos seus proprietários.

Medeiros (1977e) descreve a então Cidade da Conquista trazendo algumas informações a respeito do seu aspecto naquela época:

O sítio urbano não ia além da Praça Sá Barreto (a Norte), Praça Vitor Brito (a Sul), Rua do Espinheiro (Pinheiros), a Oeste, ou, em outro ponto, o início da atual rua da Misericórdia, com alguns vazios e alguns prolongamentos sem maior significado de tamanho, em direção a caminhos. (MEDEIROS, 1977e, p. 9).

Com o crescimento que Vitória da Conquista começa a apresentar, seu espaço urbano começa a se desenvolver, e novidades surgem na cidade, no ano de 1900 foi criada na cidade a Primeira Igreja Batista pelo fazendeiro e comerciante de gado conquistense Tertuliano da Silva Gusmão, na sua “Fazenda Felícia”, em 1912 Vitória da Conquista ganha seu primeiro cinema que ficava situado na Travessa Coronel Pompílio, atual Zeferino Nunes, em 1915 foi fundada na cidade a Santa Casa de Misericórdia, em 1925 chega a Vitória da Conquista o primeiro automóvel, e dessa forma a cidade foi ganhando novos espaços e um novo ritmo no seu processo de urbanização.

Em 1926, começa a ser construída a estrada que ligaria Vitória da Conquista a Jequié, segundo o historiador Ruy Medeiros², nesse ano a Estrada de Ferro Nazaré passava pela região de Jequié, levando e trazendo produtos de outras localidades em vagões, como essa estrada não passava por Vitória da Conquista, fazendeiros conquistenses resolveram criar a empresa Viação Conquistense e decidiram abrir essa estrada a fim de lucrar com isso de duas maneiras, primeiro cobrando pedágio e futuramente com o transporte de mercadorias para outras cidades, pode-se observar nessa iniciativa o espírito capitalista desses fazendeiros modificando o espaço urbano.

O jornal Diário do Sudoeste também traz algumas informações a cerca da construção dessa estrada, num trecho de uma matéria ele traz os nomes dos envolvidos nessa empreitada:

[...] O coronel José Maximiliano Fernandes, o coronel Zeferino Correia de Melo o coronel Ascendino dos Santos Melo e o coronel Marcelino Aguiar tiveram a idéia[sic] de fundar uma companhia que construísse a tão desejada rodovia. E assim o fizeram, em 01 de junho de 1926 fundaram a Companhia Rodoviária Conquistense [...] os 10 sócios eram os quatro coronéis já citados e mais Dona Antônia Fernandes dos Santos Silva, João Wenceslau dos Santos Silva, Cassiano Fernandes dos Santos Silva, Belizário Ferraz de Oliveira, Virgílio Ferraz de Oliveira e João Fernandes de Oliveira Santos [...] (DIÁRIO DO SUDOESTE, 1998, pg. 5)

Apesar da empresa desses fazendeiros não terem conseguido a concessão para explorar essa estrada, a estrada teve a sua importância econômica, pois por ela acontecia o escoamento de produtos e a chegada de produtos, e foi via de acesso para os próprios tropeiros, derivando assim em outros trajetos.

Ruy Medeiros em sua fala enfatiza a importância da abertura dessa estrada para a expansão da região Norte da cidade, citando o bairro Pedrinhas como fruto do surgimento dessa estrada, ressaltando também que a estrada foi construída com bastante dificuldade, com muitas pessoas responsáveis pelo corte manual das árvores, por tocar os carros de boi e puxando material (Figura 2).

²Em entrevista concedida dia 24 de Setembro de 2013.

Figura 2 – Abertura da estrada Vitória da Conquista - Jequié



Fonte: Taberna da história, 2014.

De acordo com Tanajura (1992), somente em 1943, pelo Decreto-Lei 141 de 31 de dezembro, a cidade veio a receber o seu nome definitivo: Vitória da Conquista.

A partir da década de 1940, momento onde o Brasil encontrava-se passando por um intenso processo de urbanização, Vitória da conquista expande sua malha urbana e até meados de 1970 a cidade passa por diversas mudanças.

Segundo Medeiros (1977), a década de 1940 é ponto de referência para explicar o desenvolvimento urbano de Vitória da Conquista, segundo ele é nessa década que se acumulam condições que favorecem o desenvolvimento de novas atividades econômicas, e conseqüentemente da expansão urbana.

Castro (1944) em artigo publicado num jornal da época também discorre a respeito dessa expansão urbana que aconteceu em Vitória da Conquista:

Um após outras foram surgindo as novidades. Vieram as primeiras casas comerciais dignas desse nome. E com elas as vitrines, as exposições noturnas, o aspecto de conforto para o trabalho de sedução para os olhos e um provocar para os desejos [...]. A praça Feia, esburacada, enorme e irregular sofreu a pressa renovadora da modernidade. Foi revolvida para ter aspecto geométrico. Nela transformada, aparecem habitações nobres, elegantes e modernas [...]. Para coroar toda essa transformação, está na extremidade dessa praça o elegante, luxuoso e moderníssimo Cine Lux [...]. A renovação da cidade não ficou aí, circunscrita a essa praça. Estendeu-se

pela cidade toda, dominou-a, envolveu-a e a cidade se espalha, cresce e surpreende. (CASTRO, 1944, p. 2).

O desenvolvimento do comércio e a abertura de algumas estradas que fazem entroncamento com Vitória da Conquista como a BA 415 que viria a fazer a ligação Ilhéus - Lapa e a BR116 que viria fazer a ligação Rio - Bahia, também fomentaram o crescimento da zona urbana da cidade, que por sua vez começava a se expandir nas proximidades das rodovias. (FERRAZ, 2001).

Medeiros (1977c) também aborda a importância da abertura dessas duas estradas supracitadas para o desenvolvimento da cidade, segundo ele a estrada Rio - Bahia abre-se de forma que integra Vitória da Conquista a outras regiões e ao Sul do Brasil; e a estrada Ilhéus - Lapa corta-a a seu meio caminho entre o litoral e o Sertão do São Francisco. Nesse período da história essas estradas se mostram de grande importância, uma vez que elas permitem que haja um maior escoamento da produção da cidade, e que produtos vindos de outras localidades cheguem à cidade.

Ele também ressalta a importância da Segunda Guerra Mundial para o desenvolvimento da cidade: “A Segunda Guerra Mundial, que colocara na ordem do dia necessidade de suprimentos, influencia para o desenvolvimento da região e do município.” (MEDEIROS, 1977c, p.9).

Tanajura (1992) também escreve a respeito da importância da guerra para o desenvolvimento da cidade: “A 2ª Guerra Mundial vai encontrar Conquista em pleno desenvolvimento. Sem que se leve em conta o lado humano, com seus filhos sendo recrutados para a guerra que infelicitava os povos, tem muito a ganhar no campo econômico.” (TANAJURA, 1992, p. 72).

Medeiros (1977c) em seu artigo faz uma descrição desse desenvolvimento pelo qual a cidade passou na década de 1940:

O comércio se desenvolve. Agora não é mais o comércio dos velhos tropeiros que guiavam muare para o litoral e para o sertão e nem apenas o comércio dos ambulantes. Surgem modernas casas comerciais “dignas desse nome” [...]. O desenvolvimento econômico e sua diversificação fazem surgir em cena personagens correspondentes às novas atividades econômicas, inclusive migrantes atraídos pela expansão econômica do município. (MEDEIROS, 1977c, p. 9).

No entanto, um fenômeno que já vinha ocorrendo ao longo das décadas anteriores na cidade, fez com que houvesse uma pobreza generalizada em Vitória da Conquista, era o

êxodo rural, como descreve Tanajura: “[...] O êxodo rural, decorrente da procura de melhores oportunidades de emprego, facilidade de serviços urbanos, educação e assistência social que a cidade oferece aos seus habitantes, amplia a partir da década de 1950[...]” (TANAJURA, 1992, p. 74). O autor afirma que a cidade não tinha estrutura para receber esse contingente de força de trabalho, uma vez que não havia tamanha demanda de mão de obra na cidade, ocasionando assim num aumento do número de desempregados.

O jornalista Leôncio Basbaum (apud TANAJURA, 1992, p.74) que visitava a cidade no ano de 1956, descreve o quadro de pobreza em que a cidade se encontrava na época:

Mendigos por toda parte, nas esquinas, na igreja, no mercado ou na feira, pelas estradas, à beira das calçadas [...]. Não têm a picardia dos mendigos das cidades grandes, nem a sua agressividade. São mansos, humildes, como se pedissem desculpas por serem tão pobres [...]. O mais estranho é verificar quem dá esmolas. São pessoas que somente se distinguem dos mendigos por estarem de pé e terem menos remendos ou furos na camisa [...]. É realmente o roto ajudando o esfarrapado, como se pressentissem que em breve seria a sua vez de estar naquele lugar, no meio da rua, a mão entreaberta.

No entanto, a partir da década de 1970, com os incentivos do governo federal para a expansão da lavoura cafeeira, essa região da Bahia recebe vultosos recursos financeiros, recursos esses que também foram destinados a outras partes do país, o advento da cafeicultura traz uma nova configuração para a cidade trazendo também prosperidade, é o Estado atuando no seu papel de agente transformador do espaço urbano, uma vez que a decisão de incentivar a cafeicultura nessa região culminará em grandes transformações no espaço urbano de Vitória da Conquista.

Uma consequência dessa expansão cafeeira foi o aumento da demanda pelas terras propícias a plantação do café o que fez com que os seus preços disparassem dificultando assim o acesso dos pequenos proprietários que antes viviam da lavoura de subsistência, às terras cultiváveis, fazendo com que o êxodo rural que já estava acontecendo tomasse grandes proporções.

Outro motivo que ocasionou o deslocamento de pessoas da área rural para a área urbana foi o advento de máquinas agrícolas que passaram a substituir uma grande parte da mão de obra, como esse fenômeno não ficou restrito somente a essa região da Bahia, o fenômeno do êxodo rural foi visto em outras partes do país e foi apontado por Baeninger (1992 apud FERRAZ, 2001) no seguinte trecho do seu livro:

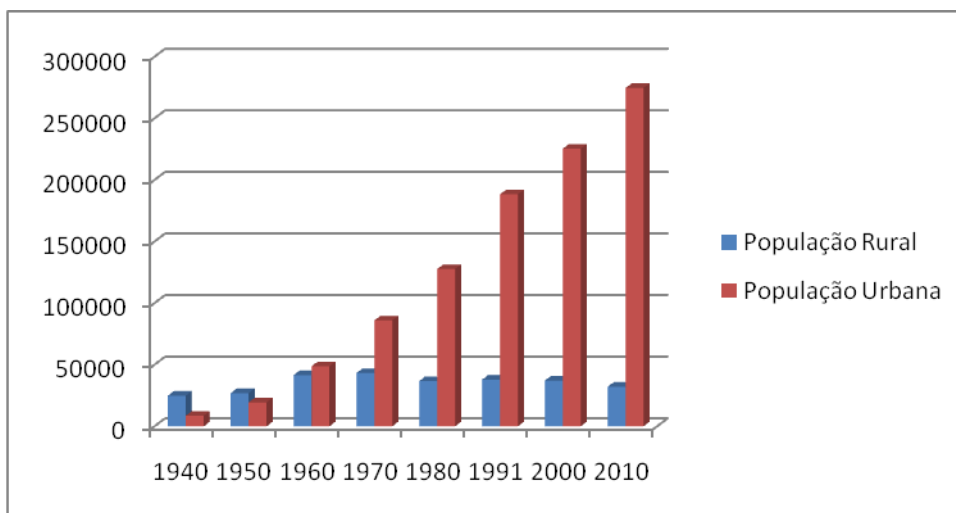
[...] o processo de modernização agrícola provocou uma forte concentração da terra, expulsando enorme contingente populacional do campo para a

cidade. Estima-se que cerca de 30 milhões de pessoas deixaram a área rural em busca de áreas urbanas entre 1960-1980[...] (FERRAZ, 2001, p. 35).

Ainda sobre o fenômeno do êxodo rural, a autora ainda aponta outro motivo que explicaria em parte esse tal fenômeno, a Consolidação da Lei do Trabalho (CLT) que passa a dar aos trabalhadores rurais os mesmos direitos dos trabalhadores urbanos, fazendo com que os fazendeiros procurassem manter o mínimo de trabalhadores permanentes em suas fazendas, contratando trabalhadores temporários na época que fosse necessário, evitando dessa maneira algum contratempo com a justiça.

Os censos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, a partir de 1940 vêm confirmar as informações supracitadas a respeito do êxodo rural que existiu em Vitória da Conquista (Figura 3).

Figura 3 – População Rural e Urbana do Município de Vitória da Conquista, 1940 – 2010



Fonte: IBGE, 2013.

Vitória da Conquista apresentou um crescimento urbano considerável como afirma Tanajura: “[...] o município cresce muito neste período de 10 anos, sendo a causa principal o grande contingente populacional de outros Estados que se assentou na cidade.” (TANAJURA, 1992, p.75). Diante desse crescimento, começa a se fazer necessário um planejamento urbano na cidade, isso pode ser constatado com o seguinte trecho de um artigo publicado num jornal da época:

De um modo geral os loteamentos tomam uma estrada existente como base (ou mesmo um lado), daí tirando perpendicularidades de 100 a 100 metros; noutro sentido a mesma coisa, fazendo então o conhecidíssimo e invariável traçado em xadrez. Não se considera

escoamento de água, rampas, declives, ventos dominantes, tráfegos e tantos outros elementos. (VIEIRA 1957 apud TANAJURA, 1992, p. 75).

Ferraz (2012) também faz menção acerca desse grande aumento populacional que passa a acontecer na cidade, e da importância desse fenômeno para as mudanças que ocorrerão no espaço urbano da mesma:

Este grande aumento populacional urbano justifica o crescimento da cidade e modifica a sua configuração territorial. Na cidade as marcas desta tendência se manifestam na expansão urbana, pela intensificação do comércio de terras - com um significativo aumento do número de loteamentos abertos e, contraditoriamente, com a ocorrência de assentamentos e ocupações urbanas pela população sem renda ou com renda de até três salários mínimos em função da crise da moradia; pela ampliação do oferecimento de bens e serviços; pela implantação de importantes equipamentos urbanos coletivos; pelo fortalecimento das estruturas jurídico-administrativas, entre outras. (FERRAZ, 2012, p.2).

Diante disso via-se a necessidade de haver um plano urbano que desse as diretrizes para que a cidade crescesse de uma forma ordenada e planejada. No dia 22 de dezembro de 1976, foi sancionado o Plano Diretor Urbano (PDU) através da Lei nº 118/76, pelo então prefeito Jadiel Vieira Matos, plano esse que foi elaborado conjuntamente com a Universidade Federal da Bahia (UFBA) que na época teve um convênio firmado com a Prefeitura Municipal.

O Plano Diretor Urbano é um instrumento que serve para auxiliar o Governo na elaboração de políticas para ordenar o desenvolvimento, como pode ser visto num trecho dos objetivos que estão descritos no Plano Diretor Urbano do ano de 1976:

O Planejamento Urbano é um dos instrumentos mais eficientes postos à disposição dos Governos para orientar a Política Governamental no controle, ordenamento e previsão do desenvolvimento Físico-Territorial de uma cidade [...]. Mais necessário se torna o planejamento urbano em cidades como Vitória da Conquista, cujo crescimento demográfico situa-se acima da média brasileira, e a expansão urbana é acelerada, com o fim de permitir o desenvolvimento mais racionalizado, otimizando os investimentos em prol da coletividade, evitando as situações inconvenientes ao interesse social, e em nome dele explorar e desenvolver as potencialidades existentes. (VITÓRIA DA CONQUISTA, 1976, Anexo I, p.6).

O PDU (1977) traz algumas observações a respeito do crescimento Urbano de Vitória da Conquista ao longo do tempo:

- Até 1944, existia uma malha central de tecido contínuo coincidentemente melhor servida pela infra-estrutura[*sic*] de serviços básicos, com expansão no sentido Sudoeste.

- Até 1855, a expansão se dá em direção à rodovia que já naquela época constituía um dos mais importantes fatores de atração urbana. A malha urbana se estende ao longo dessa rodovia envolvendo inclusive a ligação rodoviária BA – 262 – Conquista - Brumado. Outro prolongamento se dirigiu para Sudeste graças à topografia e a rodovia BA-265 Conquista-Barra do Choça. A cidade passou a se expandir seguindo a direção das rodovias, identificadas como vetores de crescimento urbano.

-De 1955 até 1974 – Observa-se um processo de expansão similar verificado no período anterior manifestando-se inicialmente tímidas penetrações transversais dos eixos de crescimento da cidade. Em seguida foram preenchidos os espaços vazios que se formavam entre os eixos de crescimento. Os fatores de atração foram a construção do aeroporto, a implantação de novos loteamentos a Sudoeste e o saneamento dos terrenos alagadiços a Sudeste. Nesta direção surgiram loteamentos entre os quais o núcleo habitacional da URBIS. (VITÓRIA DA CONQUISTA, 1976, Anexo I, p.20-21, grifo do autor).

O Plano Diretor urbano dividiu a cidade em zonas e propôs a utilização delas para várias finalidades, essa divisão estava composta pelas seguintes zonas: ZCS (Zonas de Comércio e Serviços), ZT (Zonas de Transição residencial/Comercial), CC (Centro Cívico-Administrativo), AGE (Área para Grandes Edificações de caráter geral), ZR (Zona residencial), AE (Área de Expansão Urbana), ZC (Zona Cultural/Educacional e sua expansão) e ZP (Zona de parque e Jardins).

Segundo Ferraz (2001), uma das principais formas de transformação territorial em Vitória da Conquista foi o parcelamento de solo, prática que foi verificada a partir das primeiras décadas do século XXI, e se tornou mais intensa ao longo dos anos, e tem a década de 80 como a década de maior implantação e concentração de loteamentos.

Esses loteamentos muitas vezes não possuíam autorização da prefeitura, nem seguiam as diretrizes impostas pela Lei federal nº 6.766 de 1979, não seguindo também as diretrizes do Plano Diretor Urbano.

Medeiros (1978) também observa que a ocupação do solo em Vitória da conquista se deu basicamente através de loteamentos a partir da primeira metade da década de 1950. Essa prática se deu diante da grande demanda populacional, atendendo ainda a necessidade de os proprietários das terras expandirem seus negócios.

O grande problema apontado pelo autor supracitado em relação a esses loteamentos é a não submissão de aprovação desses loteamentos as exigências da lei, causando assim um crescimento desordenado, cheio de problemas, sem obras de infraestrutura que o acompanhem. Ele ainda salienta que loteamentos eram abertos em zonas que não eram

segundo o PDU (1977) áreas destinadas a residências e sim ao setor educacional, por exemplo, e ainda assim conseguiam a aprovação da prefeitura.

Ainda segundo o autor supracitado essa falta de implantação de infraestrutura necessária nos loteamentos por parte dos loteadores culmina num prejuízo para os cofres públicos uma vez que a população exigirá seus direitos e a prefeitura terá que arcar com a implantação da infraestrutura nesses loteamentos prejudicando também os compradores desses lotes que não vão dispor de tal infraestrutura, isso acontece apesar da prefeitura ter disponível na época o Decreto-lei nº 271, de 28 de fevereiro de 1967, que dá poder ao município de exigir que todos os loteamentos passem por aprovação da prefeitura, no entanto o poder público se omitiu no que se refere ao cumprimento da lei. A respeito desse problema Medeiros (1978) escreve que:

Quem vê os loteamentos de Vitória da Conquista e os analisa na perspectiva das necessidades presentes e futuras da cidade não pode deixar de ser tocado por um misto de revolta e desaprovação. Afinal, beneficia-se o loteador em detrimento de toda a comunidade. Desrespeita-se a lei, em favor da especulação imobiliária. Espezinha-se o adquirente que, com difíceis economias familiares, conseguiu comprar um lote. (MEDEIROS, 1978, p. 9).

Ferraz (2001) concorda com Medeiros (1978) quanto ao prejuízo que o poder público municipal teve ao não exigir que os loteadores arcassem com as despesas para instalação da infraestrutura básica nesses loteamentos:

A maior parte dos loteamentos abertos não foi dotada de infra-estrutura[sic] urbana, prática que ocasionou dificuldades e gastos onerosos por parte do poder público municipal. Essa situação ocorreu pela não-submissão[sic] da aprovação dos mesmos às exigências da lei. (FERRAZ, 2001, p. 39)

Conforme foi visto no primeiro capítulo deste trabalho, os loteadores poderão agir pressionando o governo em busca da implantação de infraestrutura nos seus loteamentos, e uma vez que a prefeitura utiliza recursos próprios para essa melhoria nos loteamentos, ela valorizará ainda mais esses lotes, e com isso o latifundiário poderá aumentar os preços dos seus lotes aumentando ainda mais o seu lucro, como pode ser visto numa passagem do trabalho de Silva (1992, p. 55): “[...] No contexto urbano, o preço do terreno estará vinculado às modificações no ambiente construído, que alterarão os atributos do terreno proporcionando ao mesmo, vantagens locacionais na forma de renda fundiária [...]”.

O papel dos loteadores como agente transformador fundamental do espaço urbano no que diz respeito a cidade de Vitória da Conquista é inquestionável, em relação a isso Ferraz afirma:

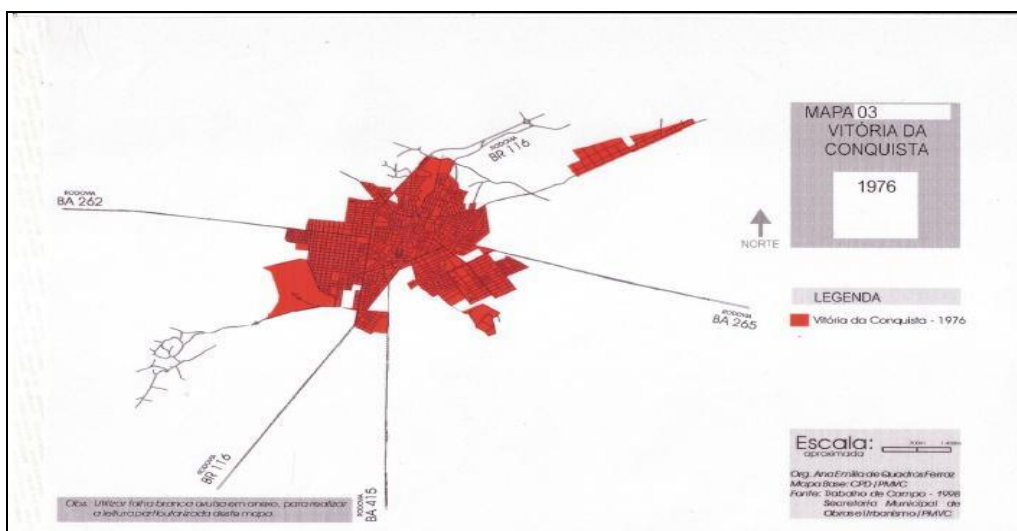
[...] Os interesses dos loteadores, em **convivência** com a atuação do poder público municipal, definem as áreas a serem ocupadas pela população [...] São os propósitos dos loteadores que vão definindo a configuração territorial de Vitória da Conquista. As suas vontades vão definindo os “bairros de ricos” e os “bairros de pobres” da cidade, na medida em que determinam os valores e os tamanhos dos lotes, dependendo da sua localização, isto é, proximidade com loteamentos já estabelecidos. (FERRAZ, 2001, p. 99 grifo nosso).

A autora supracitada ainda complementa a observação acima afirmando que esses agentes loteadores tiveram um importante papel na transformação do espaço urbano de Vitória da Conquista, ressaltando que não existe uma padronização no que diz respeito ao comportamento desses agentes.

Segundo ela, a estratégia se modificará a depender da situação, levando em consideração as necessidades impostas pelos mercados imobiliário e financeiro, tudo isso voltado à acumulação de capital.

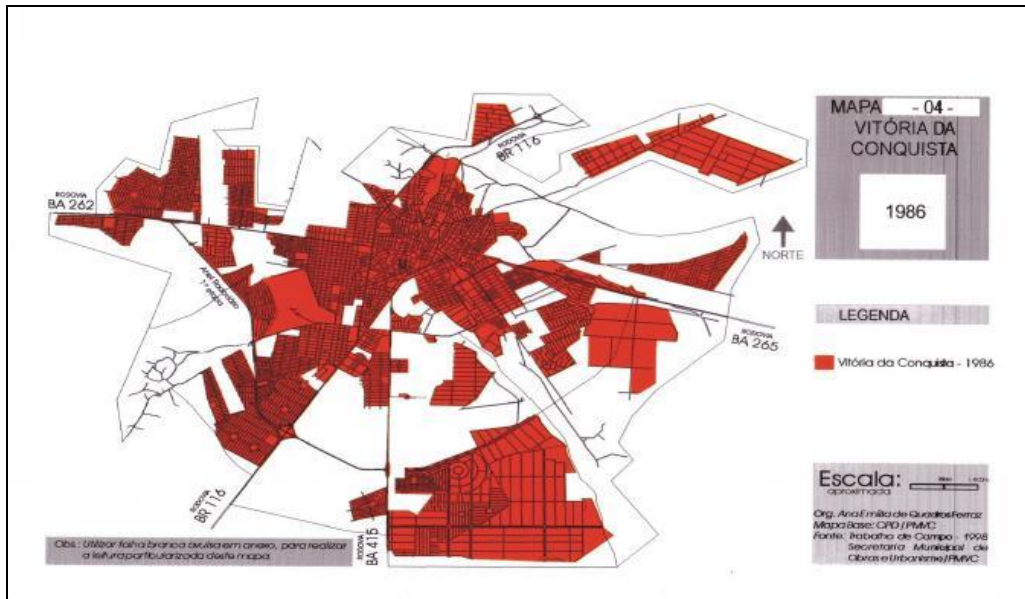
A autora ainda traz algumas informações a respeito do desenvolvimento urbano da cidade no intervalo de tempo que vai do ano de 1977 a 1986, segundo ela a cidade se espalhou em todas as direções e teve como principais vetores de crescimento as rodovias (Figuras 4 e 5).

Figura 4 – Vitória da Conquista, 1976



Fonte: FERRAZ, 2001.

Figura 5 – Vitória da Conquista, 1986

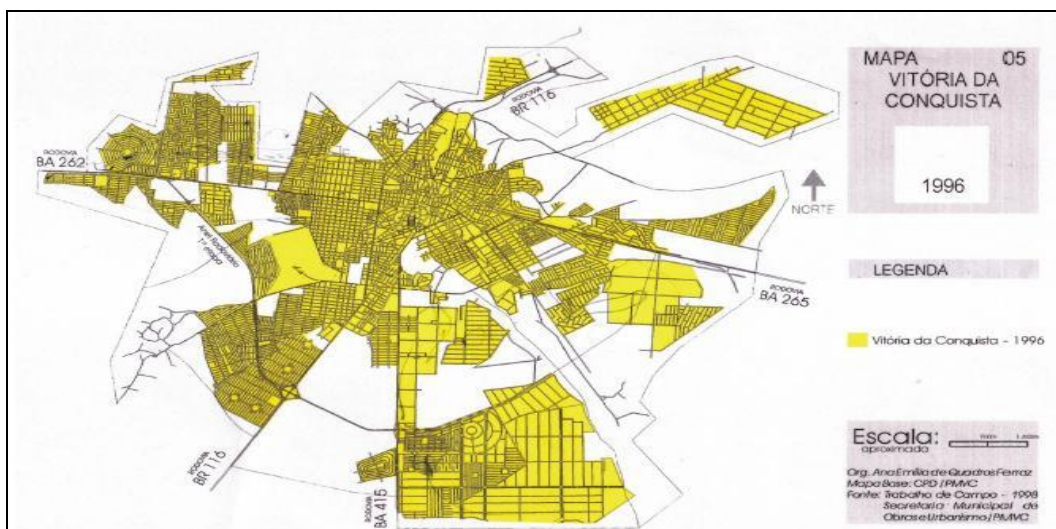


Fonte: FERRAZ, 2001.

Segundo Ferraz (2012), a cidade se desenvolveu dessa maneira, gerando vários vazios por causa de interesses especulativos dos agentes imobiliários, vale ressaltar que isso aconteceu mesmo com o Plano Diretor Urbano estando vigente na época.

A autora ainda traz informações a respeito da década posterior à supracitada, segundo ela é a partir de 1987 a 1996 que os vazios urbanos que ocorreram na década anterior começam a ser preenchidos com a abertura de novos loteamentos (Figura 6).

Figura 6 – Vitória da Conquista, 1996



Fonte: FERRAZ, 2001.

Como pode ser observado nas figuras acima, os vazios não foram totalmente preenchidos e ainda assim o déficit habitacional apresenta um grande número de pessoas sem moradia, atingindo principalmente pessoas com baixo poder aquisitivo.

Em todo esse cenário de transformação urbana e de déficit habitacional observados na cidade, não se pode deixar de abordar a questão dos movimentos sociais que se intensificaram na segunda metade dos anos 1980, movimentos sociais estes que buscavam o direito ao solo, impulsionando a tomada de decisão do governo municipal no que se refere à política habitacional.

É o retrato do que foi tratado no capítulo 1 no que se refere ao espaço urbano como desigual e como um campo de lutas, onde a disparidade social fomenta as lutas de algumas classes pelo direito à cidade. No que se refere a isso Carlos (1997) escreve que:

O espaço é humano porque o homem o produz e não, simplesmente, porque nele habita. A sociedade produz o espaço a partir da contradição entre um processo de produção socializado e sua apropriação privada. Portanto, o espaço se reproduz, reproduzindo conflitos. (CARLOS, 1997, P. 34).

Segundo Ferraz (2012), Com diversos movimentos sociais que ocorreram na época aconteceram concomitantemente várias ocupações entre os anos de 1980 e 1995, foram eles: Ipanema (1980), Santa Terezinha (1984), Vila União (1987), Alto da Boa Vista (1988), Bruno Bacelar (1988), Santa Cruz (1989), Kadija (1989), Santa Helena (1989), Conveima I (1991), José Machado Costa (1992), Paulo Rocha (1992), Conveima II (1994), Copacabana II (1994) e Lagoa do Jurema (1995). A autora traz algumas informações a respeito das decisões tomadas pela prefeitura da época:

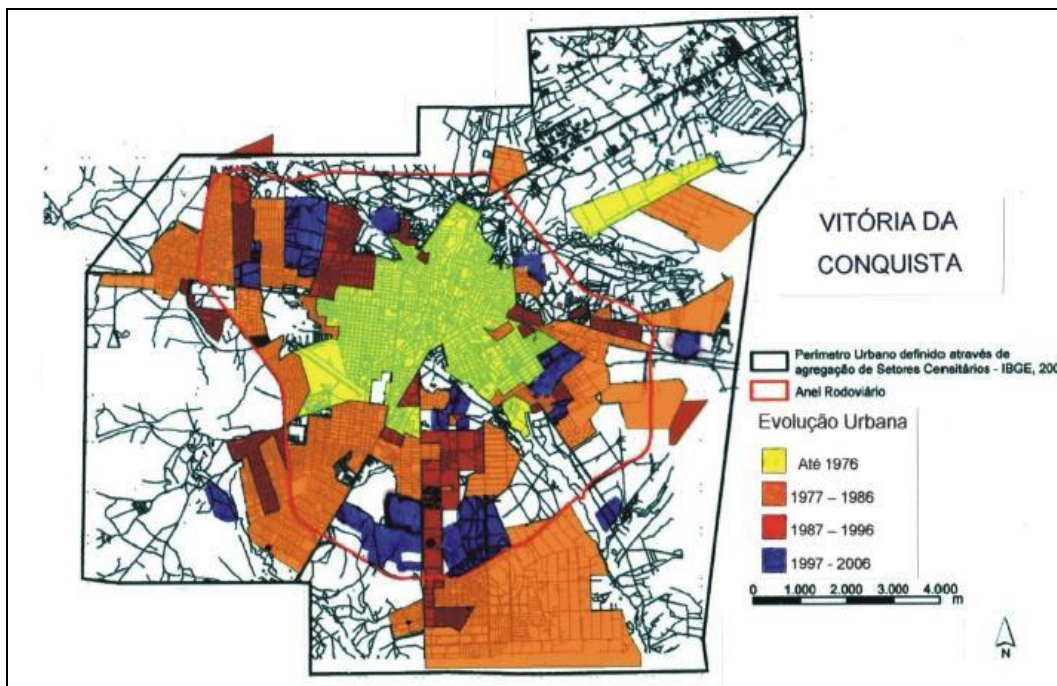
Como resultado da pressão popular, em 1991 a Prefeitura Municipal, para enfrentar o problema da moradia cria, por meio da Secretaria de desenvolvimento Social e Coordenação de Habitação Popular, o Programa Municipal de Habitação Popular (PMHP), Lei no. 570/91, cujo objetivo está expresso em seu Art. 2o. “reduzir, no município, o déficit habitacional atendendo principalmente aos cidadãos em condições adversas como: I – do desemprego; II – do subemprego e III – do emprego de baixa renda”. (FERRAZ, 2012, p.7).

No entanto, o Programa não foi suficiente para suprir a demanda populacional por habitações, e os movimentos sociais continuaram. Esse mesmo programa no ano de 1997 com o então Prefeito José Pedral Sampaio, foi o responsável pela disponibilização de 1.442 lotes e pela cessão do direito especial de uso de 1.649 lotes públicos que foram ocupados pelos sem

teto. Até 2004, 6.164 lotes foram entregues pelo Programa, e ainda assim esse número se mostrou insuficiente (FERRAZ, 2012).

Segundo dados do Programa de Habitação Popular, Programa que foi implementado no governo do Prefeito Guilherme Menezes, no período que vai de 2005 a 2011, foram entregues 1.128 unidades habitacionais na área urbana de Vitória da Conquista. O Programa de Arrendamento Residencial disponibilizou em 2005 684 unidades habitacionais e o Programa Minha Casa, Minha Vida foi o responsável por disponibilizar 1.755 casas em 2009 (FERRAZ, 2012). Ainda assim, o vazio urbano ainda é uma realidade na cidade de Vitória da Conquista (Figura 7).

Figura 7 – Vitória da Conquista, 2006



Fonte: TECITURA, 2012.

Entre junho de 2003 e março de 2004 aconteceram em Vitória da Conquista vários trabalhos com vista à elaboração do novo Plano Diretor Urbano da cidade, um dos passos dados nesse intuito foi a criação do Grupo de Elaboração e Acompanhamento do Plano Diretor Urbano de Vitória da Conquista (GEAP), criado oficialmente pelo Decreto municipal nº 11.278/03, de oito de julho de 2003, e contou com a participação de sessenta pessoas representantes da sociedade civil.

O relatório elaborado a partir dos trabalhos realizados pela equipe do GEAP também constataram o problema em relação aos vazios urbanos criados na cidade, como pode ser visto no seguinte trecho do relatório:

Vitória da Conquista conta com muitos vazios urbanos, entre glebas, terrenos e lotes desocupados. O partido urbanístico a ser adotado e as diretrizes de desenvolvimento urbano deverão contemplar este aspecto da estruturada cidade, buscando evitar as deseconomias das novas frentes de urbanização, mediante a ocupação dos vazios urbanos e adensamento das áreas de ocupação rarefeita, resguardando, contudo os espaços livres e abertos necessários ao lazer e conforto ambiental da população. (GEAP, 2004, p. 82).

No ano de 2006, acontece a elaboração de um novo PDU para a cidade de Vitória da Conquista, e uma das diretrizes desse documento que mais aparecem para as várias áreas da cidade é justamente o preenchimento preferencial desses vazios urbanos.

Pode-se observar que o espaço urbano de Vitória da Conquista foi construído e reconstruído ao longo do tempo pelos seus diversos agentes transformadores, no entanto, observa-se também que alguns desses agentes possuem mais prioridades que outros. Prioridades essas que passaram por cima até mesmo dos Planos Diretores Urbanos da cidade, acarretando assim num favorecimento de alguns em detrimento de outros agentes também inseridos na cidade.

2.2 A formação do centro principal

Como foi visto no primeiro capítulo quatro autores falam a respeito do surgimento da área central da cidade: Carlos (1994), Corrêa (1989), Villaça (2001), e Sposito (1991), que afirmam que a área central surge a partir da necessidade de haver uma minimização do tempo gasto para se realizar várias atividades, como por exemplo, transações comerciais, relações sociais no geral, deslocamento para área onde está localizado o local de trabalho etc.

No caso da formação da área central de Vitória da Conquista, a mesma se deu inicialmente conforme interesses dos seus primeiros habitantes, principalmente a elite, que povoaram inicialmente a Rua Grande, local onde começa a surgir os primeiros vestígios comerciais, não é de se espantar que se a maioria das pessoas reside no entorno da praça que o seu comércio se dê ali, afinal de contas é esse o ponto que minimizará o tempo gasto com deslocamento.

Ruy Medeiros também traz a informação de que o centro comercial de Vitória da Conquista surgiu exatamente onde surgiu a própria cidade, na antiga Rua Grande. Ele destaca as várias funções que essa praça exercia, denominando-a de “uma praça polivalente”, a função residencial, religiosa, a praça também fazia às vezes de centro cívico dentre outras funções, em meio a essas utilidades da praça destacaremos a função comercial; era nessa praça que os tropeiros deixavam a grande maioria dos produtos que eram trazidos de outras localidades, e era lá também que eles pegavam a maioria das mercadorias para levar para outros lugares.

A gênese do centro principal de Vitória da Conquista se deu as margens da Praça Matriz que hoje é chamada de Praça Tancredo Neves, praça essa que tinha como extensão a Rua Grande, onde hoje está localizada a Praça Barão do Rio Branco. Com uma economia voltada, sobretudo, para a pecuária abastecendo de carne grande parte do estado e demandando dessa forma a abertura de novas estradas para facilitar não só a passagem do gado, mas também para facilitar a comunicação com o sertão e o litoral e com um comércio ainda em fase inicial a Vila começa a crescer nas direções sul e leste e o número de residências aumenta. (TANAJURA, 1992)

Sobre essa demanda por estradas que a criação de gados cria, Medeiros (1977d) escreve que: “Uma vez estabelecida a criação, outra questão surgiu. A questão do escoamento do gado para o mercado consumidor. O problema das estradas assumiu importância fundamental, sobretudo daquelas em direção ao litoral.” (1977d, p. 7)

A questão da criação de estradas para dar suporte ao comércio que estava surgindo na cidade é um retrato do que foi falado no primeiro capítulo, onde foi visto que as mudanças que ocorrem no espaço urbano se dão a partir das necessidades dos agentes ali inseridos, e as estradas aparecem como itens necessários a dinamização da pecuária, acerca dessa questão Corrêa (1989) escreve que:

A complexidade da ação dos agentes sociais inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização espacial que se faz via incorporação de novas áreas ao espaço urbano, densificação do uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação diferenciada da infra-estrutura[sic] e mudança, coercitiva ou não, do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade[...] (CORRÊA, 1989, p.11)

Pode-se observar dessa forma que o espaço urbano se modifica a partir das necessidades e ações dos agentes que estão ali inseridos.

Segundo Tanajura (1992), a Vila agora estava organizada em termos jurídicos e administrativos, a população que antes estava dispersa pelas fazendas passam a se agrupar em

torno da Vila, fazendo com que o espaço urbano comece a se modificar. Os artesãos eram os responsáveis pela fabricação dos produtos que supriam a falta dos produtos manufaturados nos grandes centros industriais, fabricavam o essencial e para complementar a renda também recorriam à agricultura vendendo os seus produtos restritamente no interior da Vila.

Como já fora abordado no primeiro capítulo deste trabalho a área central de um determinado lugar se dará quando as relações entre essa localidade e as demais se intensificarem, principalmente as relações comerciais, é partindo dessa premissa que será abordada a grande importância para o desenvolvimento comercial da cidade, os tropeiros.

Conforme Medeiros (1977) além do papel do artesão para o desenvolvimento do comércio local, outra figura se mostrou de grande importância nesse processo, o tropeiro é o responsável por trazer produtos novos e desconhecidos como perfumes e tecidos de outras localidades fora da Vila e levar produtos naturais da Vila para vender em outras localidades, seu surgimento se deu exatamente pela articulação que a Vila faz com outras regiões, juntamente com o tropeiro aparece a figura do viajante, que vem a ser uma espécie de representante que fazia às vezes de intermediário entre as firmas comerciais da Capital e os comerciantes locais.

Para entender melhor como funcionava o trabalho dos tropeiros o jornal Diário do Sudoeste escreve que:

[...] A tropa era composta de 10 a 12 burros de carga e guiada por uma ou mais pessoas. Toda a responsabilidade do transporte da mercadoria ficava por conta do proprietário da tropa, que era chamado de tropeiro. Mesmo as mercadorias de maior valor eram entregues, sem qualquer avaria, aos “encomendantes”[sic] do transporte. [...] Ao chegarem a Vila, as tropas desfilavam por toda a extensão da “Rua Grande” (desde o meio da praça Tancredo Neves, até as imediações da agência central do Banco do Brasil). Essa chegada, anunciada com sons de cerros (instrumentos presos à cabeça dos animais e que emitiam sons em tons diferentes), causava grande rebuliço no lugar, ainda pequeno e bem “tabaréu”. Era uma festa para a meninada. (JORNAL DIÁRIO DO SUDOESTE, 1998, pg. 9)

Viana (1982b) também fala a respeito da importância dos tropeiros para o desenvolvimento do comércio de Vitória da Conquista como pode ser visto na seguinte passagem do seu trabalho:

O dono da tropa (Tropeiro) era uma pessoa de bem, que vivendo deste trabalho, tornava-se credor de geral confiança e estima dos comerciantes. No tempo dos tropeiros não foi registrado (pelo menos nessa região) qualquer fato que o desabonasse. Conduziam nas suas tropas mercadorias de alto

valor e as entregavam aos donos sem qualquer avaria ou subtração. (VIANA, 1982b, p. 539).

Quanto ao início dessa comercialização na praça, Ruy Medeiros afirma que documentalmente é possível saber que a feira começa a existir na praça já no século XIX, ele se baseia em escritos de algumas pessoas que passaram pela cidade na época e em jornais de meados de 1910 que já trazem informações a respeito de um centro comercial já em funcionamento na cidade.

O Jornal Hoje (2001) em edição especial em comemoração ao aniversário da cidade, também traz algumas informações a respeito dessa feira, segundo ele essa feira existia desde a Imperial Villa da Vitória, feira que serviu no passado conquistense como um grande gerador de riquezas, local onde os feirantes se reuniam assim como os tropeiros vindos de outras localidades (Figuras 8 e 9).

Figura 8 – Dia de feira na Rua Grande



Fonte: Arquivo Municipal, 2014.

Figura 9 – Feira livre na Rua Grande



Fonte: Arquivo Municipal, 2014.

Com a abertura da estrada que ligava Vitória da Conquista a Jequié no ano de 1926, o comércio da cidade começa a se intensificar de forma mais acelerada, é nessa época que surgem as primeiras lojas de maior expressão, como pode ser visto num trecho do Jornal Diário do Sudoeste:

[...] Começaram a surgir os grandes comerciantes, notadamente os “coronéis”. O coronel Pompílio Nunes tinha a sua loja na entrada do beco do coronel Pompílio (atual rua Zulmiro Nunes), Manoel José dos Santos Silva, cuja loja ficava na Praça da República (atual Tancredo Neves), José Joaquim Florence, dono da “Casa Florence”, que ficava na antiga “Rua Grande”. A loja era famosa por vender produtos finos, como tecidos, jóias[sic], calçados, discos e os zonofones (espécie de vitrola da época). O coronel Paulino Viana era proprietário da “Loja Viana”, localizada na antiga “Rua do Cemitério” (atual Monsenhor Olímpio), a “Loja Piloto”, do major Francisco Piloto, a “Loja Estrêla”, do coronel Francisco da Silva Costa, além da “Loja Leite”, de Manoel Inácio da Silva Leite. Outra loja famosa foi a “Casa Ferreira”. [...] Muitas dessas lojas tinham de tudo, tecidos, drogas, ferragens, bebidas, armas de caça e até artigos funerários [...]. (DIÁRIO DO SUDOESTE, 1998, pg. 9).

É importante ressaltar que naquela época ainda não havia a ideia de centro e de periferia, existia apenas um núcleo que servia de moradia e comércio. Essa área central começa a ser definida com o passar do tempo, e de forma a suprir a necessidade da população e dos comerciantes.

A construção da Praça da Piedade (hoje denominada de Praça Nove de Novembro) que se deu da década de 1920 pôde ser considerada como a primeira ampliação desse núcleo comercial, com a inauguração da mesma, o comércio vai se expandindo lentamente em sua direção, apesar de que a ideia inicial era que ela se destinasse as primeiras indústrias (Figura 10).

Figura 10 – Praça da Piedade, posteriormente nomeada de Praça Nove de Novembro



Fonte: Taberna da história, 2014.

A década de 1930 é marcada pela mudança da feira livre de lugar, ela agora estava localizada na Rua Municipal (atual Lauro de Freitas), o que pode ser considerada uma segunda ampliação dessa área comercial, uma vez que ali agora haveria um grande fluxo de pessoas e mercadorias (Figura 11).

Figura 11 – Feira livre na Rua Municipal



Fonte: Taberna da história, 2014.

Aproximadamente na década de 1940 acontece a terceira ampliação quando se inaugurou a então Praça da Bandeira, essa praça passou a abrigar a feira livre da cidade e é onde hoje está localizado o Mercado Municipal (Figura 12).

Figura 12 – Feira na Praça da Bandeira, ao fundo o Mercado Municipal



Fonte: Taberna da história, 2014.

Aproximadamente entre 1960 e 1970 acontece a quinta ampliação, ela acontece quando se inaugura um espaço comercial denominado Mercadão nas proximidades do Mercado Municipal, no seu entorno se estabelece a nova localização da feira livre.

A Central de Abastecimento de Alimentos, CEASA, de Vitória da Conquista foi inaugurada na década de 1980 e foi pra onde foi transferida em definitivo a feira livre da cidade, além dos pavilhões, foi construído um prédio administrativo bem como foi realizado também o asfaltamento das ruas ao seu redor, acontecendo assim a quinta expansão da área central (Figura 13).

Figura 13 – CEASA já construída e em pleno funcionamento



Fonte: Araujo Santos, 2014.

A partir da década de 1990 até os dias atuais a área central da cidade vem se expandindo de forma que os bairros circunvizinhos agora também abrigam comércios perdendo cada vez mais as suas características de bairros residenciais, entre eles podem ser citados os bairros Guarani, Alto Maron, São Vicente, Sumaré, Jurema, entre outros. Essa expansão ocorre conforme a necessidade que o comércio da cidade tem em atender a demanda tanto da cidade quanto das pessoas que vêm de outras localidades fazer compras em Vitória da Conquista.

3 O SURGIMENTO DOS SUBCENTROS: O CASO BAIRRO BRASIL

O bairro Brasil, localizado na zona Oeste de Vitória da Conquista, apresenta um comércio forte e em constante crescimento, dando ao bairro o título de único subcentro da cidade. O bairro que nasceu juntamente com a construção da Rio-Bahia, abrigando inicialmente os trabalhadores que construíram a estrada supracitada, hoje é morada tanto para pessoas oriundas de outras cidades, bem como para conquistenses.

Ao longo deste último capítulo serão destacados os fatores que contribuíram para o surgimento e solidificação do bairro Brasil, bem como suas transformações físicas, econômicas e sociais que fizeram com que ele se consolidasse como um subcentro da cidade de Vitória da Conquista.

3.1 A origem do bairro Brasil

A importância do surgimento de estradas para o desenvolvimento da cidade de Vitória da Conquista fora abordado anteriormente, foi visto que através delas a cidade se expande em várias direções, e em suas margens a cidade se forma e se transforma como tal fato pode ser visto num trecho do livro de Ferraz (2001):

O desenvolvimento do comércio e a abertura de estradas como a Ilhéus-Lapa (BA-415) e a Rio-Bahia (BR-116), que fazem entroncamento em Vitória da Conquista, proporcionam a intensificação do crescimento da zona urbana [...] Outra característica importante, nesse contexto de crescimento urbano é o fato de a cidade se expandir nas proximidades das rodovias que fazem entroncamento no seu território. Nos seus arredores, são implantados loteamentos e bairros, como o Bairro Brasil, criados a partir da abertura da BR116. Atualmente, parte das rodovias, que se encontram dentro da cidade, foram transformadas em avenidas, a exemplo da Av. Brumado (BA 262) e da Av. Juraci Magalhães (BA 415). (FERRAZ, 2001, p. 32)

O PDU (1977, p. 59) também aborda a força que essa rodovia exerceu para o desenvolvimento da zona oeste de Vitória da Conquista: “A rodovia, com a influência que exerce, forçou o crescimento da cidade no sentido oeste provocando o surgimento de atividades nesse setor.”

O relatório elaborado pela equipe do GEAP³ também traz informações a respeito da importância da BR-116, como podemos ver no seguinte trecho:

³Grupo de Elaboração e Acompanhamento do Plano Diretor Urbano de Vitória da Conquista.

A Rio-Bahia, transformou-se em importante entroncamento rodoviário, pois concentra todo o tráfego pesado entre o Sul e o Nordeste do País, além de agregar o recente tráfego proveniente da região Oeste, pela rodovia BR-030 e BR-407, que liga a região Leste ao Centro-Oeste, passando por municípios de produção agrícola e mineral significativas, como Brumado, Caetité, Bom Jesus da Lapa, chegando até Brasília. (GEAP, 2004, p. 19).

Portanto fica claro que algumas partes da cidade surgem e se modificam através do surgimento das estradas, foi o caso da zona oeste de Vitória da Conquista que começa a ser ocupada a partir da abertura da estrada que ligaria o Rio de Janeiro a Bahia, a BR 116. É justamente na zona oeste que está localizado o nosso objeto de estudo: o bairro Brasil.

Na década de 1940 surge um pequeno bairro onde hoje está localizado bairro Brasil, era denominado Departamento, e seus primeiros moradores eram exatamente os funcionários do extinto Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, DNER, órgão que estava localizado exatamente a margem da BR-116 e seria o responsável pela construção da mesma.

Segundo o Jornal Diário do Sudoeste (1998), essas pessoas residiam em moradias improvisadas nas proximidades do corredor que logo viria a ser a estrada federal, na década de 1950 o número de construções se ampliou muito, famílias de baixo poder aquisitivo vinham de outras cidades em busca de melhores condições de vida principalmente pelo progresso que a nova estrada traria para a região.

Ruy Medeiros complementa essas informações a respeito do povoamento do bairro Brasil por pessoas oriundas de outras localidades com a seguinte fala:

Você observa que o bairro Brasil como a gente sabe, aquela região começou a ser povoada em final da década de 40, década de 50 já há um desenvolvimento por loteamento e pessoas já adquirindo para fazer o seu comércio ali, dentre os quais pessoas oriundas do Nordeste ou do Vale do Jequiçá, as pessoas que vêm de São João das Matas, São Miguel das Matas, São Felipe, Santo Antonio de Jesus.

A construção dessa nova estrada culminou na criação de uma grande expectativa por parte da população pelo desenvolvimento que essa estrada traria para Vitória da Conquista, atraindo muitas famílias oriundas de outras localidades e de baixo poder aquisitivo que estavam em busca de oportunidades.

A tão esperada estrada só viria a ser concluída e completamente asfaltada no governo do presidente João Goulart, que realizou a sua inauguração no dia 30 de maio no ano de 1963 (Figura 14).

Figura 14 – Inauguração da Rio-Bahia, 1963



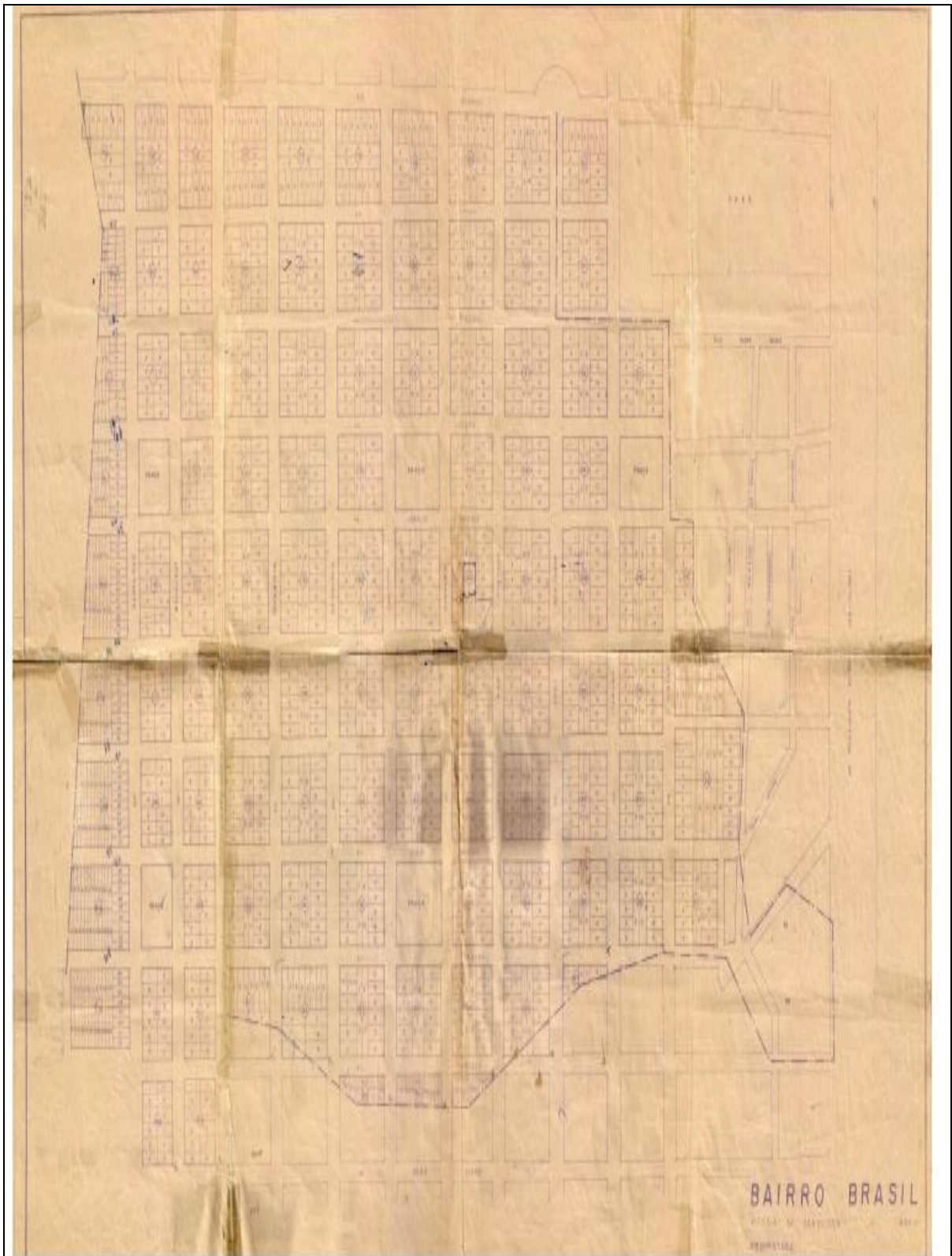
Fonte: Taberna da história, 2014.

Além da ligação do bairro Brasil com a criação da Rio-Bahia, a história desse surgimento também está diretamente ligada à história de uma família que no ano de 1944 saíra da cidade de Ituberá na Bahia e passara a residir em Vitória da Conquista, era a família do então loteador Gildásio Cairo, como mostra o trecho escrito por Viana (1982):

Elementos precedentes de Ituberá, neste Estado, ou sejam os irmãos: Eurípedes, Ângelo, Péricles, Dulcinéia, **Gildásio**, João, Lourival, Osmário, José e Argemiro Cairo dos Santos, transferiram suas residências para esta cidade, onde fundaram outra família Cairo [...] Os Cairo são homens diligentes, honestos, trabalhadores e progrediram nesta cidade, concorrendo, também, por outro lado, para o progresso de Vitória da Conquista, que os acolheu prazentemente. (VIANA, 1982, p. 119 grifo nosso).

Gildásio Cairo entra na história do bairro Brasil no ano de 1951, quando compra o mangueiro onde hoje está localizado o bairro supracitado, é nessa mesma década que ele no seu papel de transformador do espaço urbano, fazendo às vezes de agente imobiliário começa o loteamento daquela área. Pode-se visualizar na figura 15 a planta original do loteamento que originou o bairro Brasil, e na figura 16 uma cópia do contrato de promessa de venda que era firmado entre Gildásio Cairo e o comprador do lote:

Figura 15 – Planta do loteamento bairro Brasil



Fonte: Arquivo pessoal de Flávio Ribeiro Flores, 2013.

Figura 16 – Contrato de promessa de venda de um lote no bairro Brasil

| GILDÁSIO CAIRO DOS SANTOS | |
|---|--|
| VENDA DE TERRENOS A PRESTAÇÃO VITÓRIA DA CONQUISTA — BAHIA Contrato de Promessa de Venda | |
| <p><i>GILDÁSIO CAIRO DOS SANTOS E REGINA RAMOS CAIRO, marido e mulher, Brasileiros, casados, proprietários residentes nesta cidade, fazem uso deste instrumento para declararem que entre ambos, ficou justo e contratado:</i></p> | |
| <p>Nós, GILDÁSIO CAIRO DOS SANTOS E REGINA RAMOS CAIRO, na qualidade de promitentes vendedores, declaramos que recebemos de <u>Gentil Dias Soares</u>, neste ato na qualidade de promitente comprador, a quantia de (Ncr\$ <u>80,00</u>), como início de pagamento da quantia maior de (Ncr\$ <u>520,00</u>) Quinhentos e vinte cruzeiros nov</p> | |
| <p>valde este por quanto nos comprometemos a vender ao mesmo, desembaraçado de quaisquer ônus ou responsabilidades, um lote de terreno n° <u>14</u> da Quadra n° <u>60</u> à Rua <u>Av. Lope</u> do Bairro <u>Brasil</u> nesta Cidade, medindo <u>6</u> metros de frente, <u>6</u> metros de largura no fundo e <u>30</u> metros da frente ao fundo, obedecendo as condições seguintes:</p> | |
| <p>1° Os promitentes vendedores, prometem por se e seus sucessores a assinar a escritura definitiva, para o promitente comprador ou para quem o mesmo autorizar, no ato do pagamento do restante de Ncr\$ <u>440,00</u> que será em <u>20</u> prestações mensais de Ncr\$ <u>22,00</u></p> | |
| <p>2° Os pagamentos das prestações e outros encargos deste contrato, serão efetuados no escritório dos promitentes vendedores, ou onde por estes designado, mediante recibos assinados pelos mesmos ou pessoa autorizada.</p> | |
| <p>3° se o promitente Comprador atizar quatro prestações, só será confirmado o preço desta venda em proporção a metragem que esteja quitada, ficando o restante dos metros a pagar sujeito ao reajustamento para o preço da época.</p> | |
| <p>4° Qualquer engano que venha a se verificar na área do terreno objeto deste contrato, quer para mais quer para menos, será compensado mutuamente pelo preço desta venda.</p> | |
| <p>5° O promitente comprador, obriga-se desde já a pagar todas as despesas com sêcos, impostos e taxas atuais e futuras que venham a ser coletados aos vendedores, oriundas deste contrato como também as despesas de escritura definitiva.</p> | |
| <p>E. por assim se acharem justos e convencionado, assinam o presente instrumento em duas vias igual teor, ficando uma com o primeiro contratante e outra com o segundo contratante.</p> | |
| <p>Vitória da Conquista, <u>8 de Maio de 1969</u></p> | |
| Vendedores | <p><u>Gildásio Cairo dos Santos</u> <u>Regina Ramos Cairo</u></p> |
| Comprador | <p><u>Gentil Dias Soares</u></p> |

O Senhor Flávio Ribeiro Flores⁴ que começou a trabalhar com Gildásio Cairo no ano de 1959, e até hoje está à frente do escritório da empresa, traz algumas informações a respeito de como Gildásio Cairo atuava no ramo de abertura de loteamentos e venda de lotes, como ele retrata na seguinte afirmação:

O loteamento que hoje é o bairro Brasil foi aberto em 1952. Gildásio Cairo abriu loteamentos até 1984. O bairro Brasil era um mangueirão, ele comprava o mangueiro e dividia em lotes, ia vender para o pessoal, naquele tempo parcelava em três anos, condição que hoje já não se encontra mais. Gildásio Cairo falava que tinha três interesses na abertura desses loteamentos: Ganhar dinheiro, ajudar o pobre e fazer política. Primeiro é claro, ganhar dinheiro, depois ajudar o pobre que não tinha onde morar, e fazer política, por sinal ele foi até vereador naquela época, foi deputado, foi vice-prefeito [...] Ele dividia em até 36 vezes, fazia o contrato de promessa de venda e a pessoa ia pagando. Ele fazia doação de muitos lotes, por exemplo, ele vendia um e doava outro, aquele lado do bairro Brasil que fica perto das Bateias, ele doou muitos terrenos ali. Ele doava pra pessoa e dava um prazo de, por exemplo, trinta dias pra pessoa construir, se a pessoa não construísse ele pegava de volta e passava pra outra pessoa. Ele saía de casa em casa pedindo para o pessoal vim buscar a escritura, até hoje tem gente que ainda não veio buscar [...] cerca de 80% das pessoas que compravam os lotes era de baixa renda, quando o loteamento ia evoluindo aparecia algum comprador que tinha dinheiro, mas no começo era sempre a maioria gente de baixa renda.

Pode-se observar dessa forma que o loteador Gildásio Cairo entra em cena como um loteador que vendia terrenos a preços baixos, muitas vezes fazendo doação dos mesmos exigindo em contrapartida que o donatário construísse num curto espaço de tempo sua residência, o intuito era que as novas construções que surgissem valorizassem os terrenos próximos. Em relação a esse comportamento por parte do loteador Corrêa (1989) afirma:

Os proprietários de terras atuam no sentido de obterem a maior renda fundiária de suas propriedades, interessando-se em que estas tenham o uso que seja o mais remunerador possível [...] os proprietários fundiários podem então exercer pressões junto ao Estado, especialmente na instância municipal, visando interferir no processo de definição das leis de uso do solo e do zoneamento urbano. (CORRÊA, 1989, p. 16).

Faina (1990 apud Silva, 1992) também dá a sua contribuição quanto a essa questão abordada escrevendo que: “cada utilização de terra altera o preço da mesma e de todos os outros lotes de terra próximos, ou seja, é o uso do solo que determina os preços fundiários”. Portanto, a doação de terrenos por parte de Gildásio Cairo era uma estratégia eficaz para a

⁴Em entrevista concedida no dia 08 de Outubro de 2013.

valorização dos seus outros terrenos e concomitantemente para o aumento do seu lucro nessas operações de venda desses lotes. Podemos observar isso também numa fala de Medeiros:

O que Gildásio Cairo costumava fazer como forma de induzir pessoas a comprarem seus lotes? Ele distribuía lotes, dava gratuitamente para algumas pessoas naturalmente que ele escolhia lotes em quadras diversas, desde que as pessoas começassem a construir logo as suas casas, porque na hora de vender ele dizia, já tem gente construindo casa pra morar lá etc.

Existe outra característica desses terrenos do bairro Brasil abordada por Ferraz (2001) era a falta de infraestrutura. Ainda que existisse uma lei que dava o direito ao poder municipal de exigir desses loteadores a implantação da mesma. O argumento utilizado pelos prefeitos da época para a legalização de loteamentos que não seguiam as exigências da legislação era a de que se os loteadores fossem implantar essa infraestrutura esses terrenos já não teriam preços acessíveis para as pessoas de menor poder aquisitivo. A respeito disso Ferraz (2001) aponta:

Os loteamentos abertos sem infra-estrutura[sic] exigida pela legislação eram acompanhados como empreendimentos comuns, pois possibilitavam que a população de baixa renda tivesse acesso a um lote com um preço acessível, embora sem os equipamentos urbanos básicos. Para os loteadores, a exigência de realização de obras infra-estruturais[sic] inviabiliza o custo baixo e, conseqüentemente, o acesso a um lugar para morar por parte da população pobre. A maneira como o loteador agia em relação à venda do lote, uma vez que não facilitava a compra de mais de uma unidade por cada consumidor inibia a prática de especulação e favorecia o crescimento rápido do loteamento [...] As legislações federal e municipal, que regulamentam a prática de parcelamento do solo urbano, não são cumpridas nem pelos loteadores, nem pelo poder público local, que sofre a interferência de pressões exercidas pelos níveis material e simbólico de poder local. (FERRAZ, 2001, p.152 e 154).

O Senhor Flávio Ribeiro Flores também fala a respeito da falta de infraestrutura no loteamento, como pode ser visto em sua afirmação: “Naquele tempo não tinha meio fio, não tinha água, só abria as ruas, demarcava e vendia. Mas tudo passava pela prefeitura, tinha autorização da prefeitura”.

Observa-se dessa maneira que o poder municipal via na ação dos loteadores uma forma de suprir a demanda por terrenos que estava ocorrendo na cidade, uma forma de evitar que ocorressem invasões por parte das pessoas que não possuíam um lugar para morar também uma forma de expansão da cidade, uma vez que áreas desocupadas anteriormente começariam a ser ocupadas com a criação desses loteamentos.

censo 2010 realizado pelo IBGE a sua população é de 20.922, sendo que 9.569 são homens e 11.353 são mulheres, representando assim 6,82% da população total de Vitória da Conquista.

Quadro 1 – Relação dos nomes das avenidas, ruas, travessas e praças do bairro Brasil

| | |
|------------------|--|
| Avenidas | Alagoas, Aracaju, Barreiras, Boa Vontade, Brumado, Caetité Ceará, Deraldo Mendes, Espírito Santo, Frei Benjamim, Guanambi, Ilhéus, Itabuna, Itambé, Lapa, Macaúbas, Maceió Minas Gerais, Nena Santos, Paraíba, Paramirim, Paraná Pernambuco, Piauí, Recife, Salvador, Serrinha e Terezina. |
| Ruas | A, Alegria, Anagé, B, Belo Campo, C, Caramuru, César Freire, Cuiabá, Diamantina, Encruzilhada, Frei Serapião, Goiânia Guanabara, Itapetinga, Itiruçu, Macarani, Maneca da Prata Mato Grosso, Nicanor Ferreira, Ouro Preto, Santo Antônio e São Roque. |
| Travessas | Aracaia, Guanambi e Recife. |
| Praças | Murilo Mármore Neto, Nossa Senhora dos Verdes, Praça do Cajá e Praça do Carvão. |

Fonte: Google Maps, 2014.

3.2 A formação do subcentro

Com o surgimento da BR-116 atravessando Vitória da Conquista no sentido Norte/Sul, começa a surgir também um comércio que se forma em seu entorno, aproveitando-se do fato de haver na estrada um grande fluxo de automóveis, logo começa a surgir um comércio voltado para a mecânica de automóveis e posteriormente se complementa com o ramo de autopeças. Esse mercado apresentou uma grande força, é tanto que da década de 1960 até meados da década de 1970, as margens da BR-116 concentrava todo o setor de mecânica e venda de peças para veículos automotores. (JORNAL DIÁRIO DO SUDOESTE, 1998).

Além das margens da BR-116, a Avenida Frei Benjamim que no final da década de 1970 era a avenida considerada de maior extensão de Vitória da Conquista, pois começava defronte o seminário⁵, seguindo em linha reta até a Estação Rodoviária, a avenida já possuía um calçamento de paralelepípedo e também acomodava o início de um comércio sólido, além de ser paralela às avenidas que abrigavam a feira do bairro Brasil.

A respeito da feira livre, a mesma surge no ano de 1956, e fora estabelecida entre as avenidas Ilhéus e Itabuna, apesar de se localizarem paralelamente a Avenida Frei Benjamim,

⁵ Templo da Paróquia Nossa Senhora de Fátima construído nos anos 1950.

as mesmas ainda não contavam com calçamento, tão pouco com a infraestrutura física que hoje pode ser vista, conforme depoimentos:

⁶O comércio ali começou com a abertura daquelas vendas, mercearias pequenas, tinha a mercearia de Sr. Américo, Sr. Celestino. A feira foi lançada em 1956, o bairro foi ganhando mais habitantes, a população precisava de uma feira, o pessoal naquele tempo não tinha carro, não dava para ir ao centro.

⁷ Antes de ter essa feira livre que tem hoje, era umas barracas no meio da rua, uma coisa bem a toa, umas barracas de lona, uma coisa bem desorganizada, as frutas e verduras eram comercializadas muitas vezes em cima das lonas no chão mesmo, a feira ainda não tinha calçamento e quando chovia virava aquele lamaçal.

⁸ Nós fomos um dos primeiros, quando a gente abriu o comércio essa feira era na rua de terra, depois calçaram e mais pra frente asfaltaram, depois construíram os box da feira de carne, mais arrumadinhos. Era um comércio mais voltado para os moradores do próprio bairro.

O PDU (1977) traz informações a respeito desse comércio que surge na zona oeste da cidade, especialmente as margens da Rio-Bahia e também na Avenida Frei Benjamim, ressaltando a sua importância para o desenvolvimento da cidade e também para os moradores daquela área, como pode ser observado no seguinte trecho:

Com o crescimento acelerado da área a oeste da rodovia, que possui[*sic*] uma densidade populacional alta, o núcleo central da cidade mostrou-se insuficiente para atender às necessidades dessa população. Daí surgir nela pequena concentração de atividade comercial, com nítida tendência a desenvolver outro centro complementar, destinada a abastecer a população existente nessa área.

É necessário portanto também fortalecer o crescimento desse núcleo de atividades de comércio/serviços, como um núcleo próprio dessa área, que se localiza junto à Av. Frei Benjamim e tende a se expandir em torno.

A existência aí de pequena feira livre estimulou o surgimento de várias unidades comerciais e alguns serviços configurando um forte potencial de expansão para o atendimento sempre crescente dessa parte da cidade.

Visa esse núcleo dinamizar a atividade comercial e de serviços na cidade por meio de implantação de setores de comércio/serviços diferenciados, inclusive aproveitando o potencial mercado consumidor local, sendo que poderão ser incrementados outros em locais que revelarem essas mesmas tendências.

Existem ainda, espalhadas pelas zonas residenciais, pequenas unidades de comércio e serviços de atendimento local e compatíveis com as necessidades

⁶ Senhor Flávio Ribeiro Flores, 71 anos, gerencia o escritório de Gildásio Cairo.

⁷ Senhor Benjamim Alencar Paiva, 89 anos, aposentado, morador do bairro há 53 anos.

⁸ Senhora Ilzamar Moitinho Andrade, 70 anos, aposentada, comerciante no bairro há 52 anos.

aí existentes, não criando, portanto nenhum inconveniente. (VITÓRIA DA CONQUISTA, 1976, Anexo I, p.64-65).

Pode-se observar que desde a elaboração do PDU no ano de 1976 já se notava a tendência do bairro Brasil a se tornar um subcentro, e que a proposta desse plano era fomentar essa tendência, fazendo com que o comércio ali se expandisse de forma a desafogar o centro da cidade e atender a demanda da população residente na zona oeste da cidade.

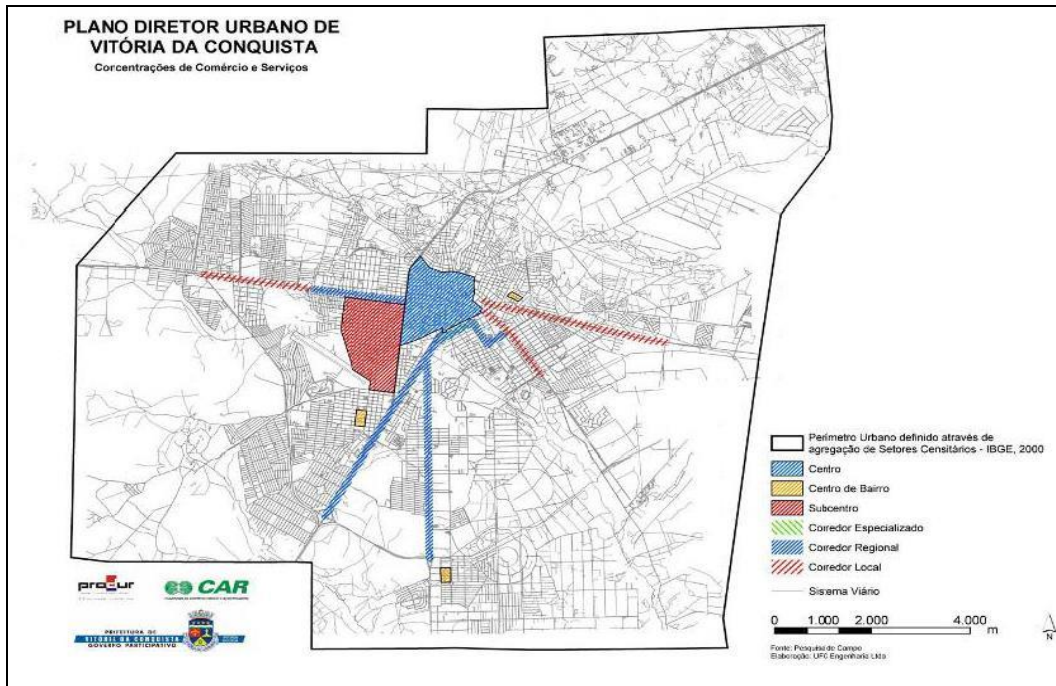
O GEAP (2004) traz em seu relatório uma informação importante a respeito do subcentro que se formou no bairro Brasil como pode ser visto no seguinte trecho:

A partir da Feira do Bairro Brasil e em seu entorno formou-se uma concentração de atividades que vem extrapolando o atendimento simples de bairro. Este centro opcional não conta com a diversificação do Centro principal, porém demonstra uma especialização maior em termos de usos do que aquela que ocorre nos demais bairros da cidade. Este subcentro deverá ser objeto de estudo específico envolvendo a análise e proposições de acessibilidade, desenho urbano e compatibilidade com o uso residencial. (GEAP, 2004, p. 77).

É nítida, portanto a importância do surgimento da feira livre localizada no próprio bairro para que a população local já não precisasse se deslocar até a área central da cidade com tanta frequência, essa demanda por produtos e serviços exercida por esses moradores, fomentaria dessa forma o crescimento e a consolidação dessa área comercial.

O GEAP (2004) traz um mapa onde aparecem em destaque a área central de Vitória da Conquista e também o subcentro do bairro Brasil, entre outros lugares como os centros de bairro, ele vem identificar os concentradores de comércio e serviços da cidade de Vitória da Conquista (Figura 18):

Figura 18 – Concentrações de Comércio e Serviços

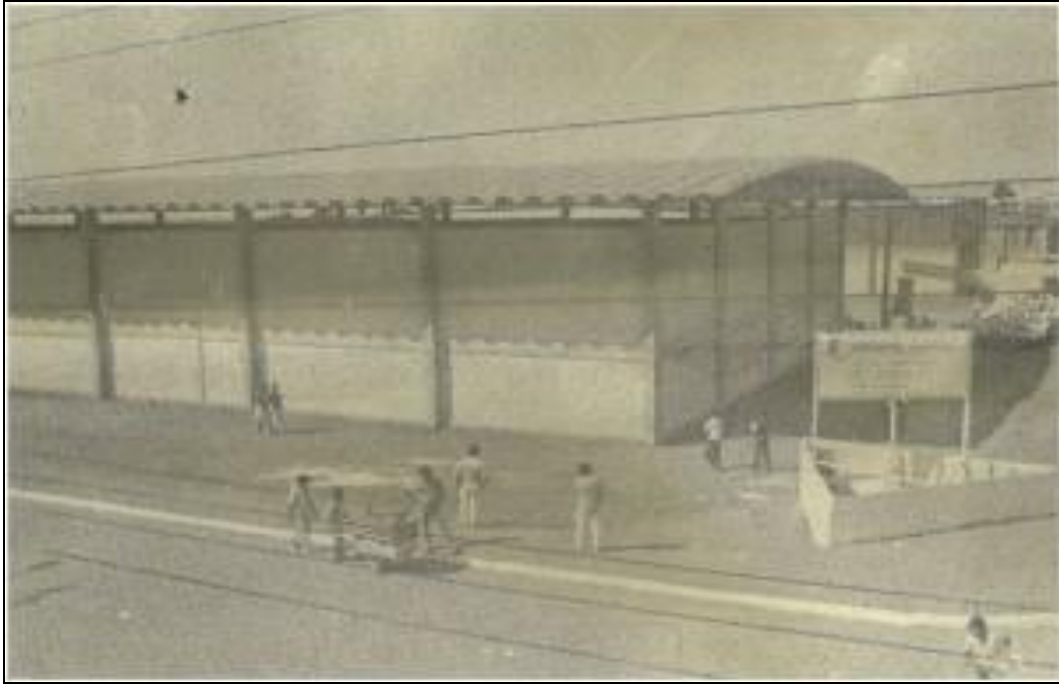


Fonte: GEAP, 2004.

No dia 21 de agosto de 1987 inaugura-se na feira do bairro Brasil um prédio de dois pavimentos (Figura 20), onde está localizada a parte fixa da feira livre. Sua estrutura física apóia três galpões, somando um total de 3.442m² de área coberta. No primeiro piso estão instalados os sanitários e os boxes onde são comercializados biscoitos, frutas, carnes, frios, verduras entre outros produtos e no segundo piso encontram-se, restaurantes, lanchonetes e o setor administrativo. Esta parte fixa funciona durante toda a semana, e aos finais de semana os feirantes e ambulantes se instalam ao redor do prédio formando a parte móvel da feira (Figuras 21 e 22).

Existe também uma parte fixa na que é destinada aos boxes onde estão instalados os açougues da feira, conhecido como o Mercado de Carnes, passou por uma reforma no ano de 2007 para se adequar as exigências do Ministério da Agricultura e Abastecimento, sendo entregue a comunidade no dia 02 de Março do mesmo ano (Figura 23).

Figura 19 – Prédio da parte fixa da feira do bairro Brasil



Fonte: Taberna da história, 2014.

Figura 20 – Barracas da parte móvel da feira do bairro Brasil



Fonte: Paloma Gardênia da Silva Faustino, 2014.

Figura 21 – Em primeiro plano a parte móvel da feira e ao fundo o prédio da parte fixa



Fonte: Paloma Gardênia da Silva Faustino, 2014.

Figura 22 – Área destinada ao Mercado de carnes na feira do bairro Brasil



Fonte: Paloma Gardênia da Silva Faustino, 2014.

Na década de 1990, com a intensificação do comércio do bairro, começam a surgir nas ruas ao redor da feira (Avenida Frei Benjamim, Brumado, Ilhéus, Itabuna, Alagoas, Deraldo Mendes e Paraíba) vários tipos de comércio, como por exemplo, panificadoras, salões

de beleza, casas de materiais de construção, bares, restaurantes, farmácias, supermercados, lojas de confecções, lojas de calçados, entre outros tipos de estabelecimento.

As áreas residenciais vão cedendo espaço para um comércio que se mostra bastante sólido, atendendo não somente a população local do bairro, bem como de alguns povoados de Vitória da Conquista, e inclusive de algumas localidades vizinhas, como Caraíbas, Anagé, Belo Campo, Planalto, entre outras.

As agências bancárias também fazem parte do cotidiano do bairro Brasil, hoje o bairro conta com três agências bancárias, uma da caixa Econômica Federal, uma do Banco do Nordeste (ambas estão localizadas na Avenida Frei Benjamim) e uma do Bradesco (Figura 24), situada na Avenida Itabuna, que foi a primeira agência bancária do subcentro em questão:

Figura 23 – Agência bancária do Bradesco no bairro Brasil



Fonte: Paloma Gardênia da Silva Faustino, 2014.

Além das agências bancárias a população do bairro conta também com uma agência do SICOOB⁹ e com quatro casas lotéricas (Uma delas retratada na Figura 25) que estão localizadas na Avenida Brumado, Avenida Frei Benjamim, Avenida Alagoas e Avenida Ilhéus, nesses estabelecimentos as pessoas podem realizar pagamentos, apostas, depósitos, sacar dinheiro, fazer transferências, abrir contas, tudo isso sem precisar se deslocar até a área

⁹ Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil.

central da cidade, atraindo inclusive moradores de bairros vizinhos que também buscar esses serviços.

Figura 24 - Casa lotérica no bairro Brasil



Fonte: Paloma Gardênia da Silva Faustino, 2014.

No artigo 31 do PDU que fora elaborado no ano de 2006, o bairro Brasil já era considerado como um subcentro da cidade de Vitória da Conquista, e o PDU tem como objetivo a consolidação do mesmo, uma referência a isso é um trecho do documento que menciona como uma das diretrizes para a organização do uso do solo o seguinte:

II. Consolidação do Sub-centro[sic] do Bairro Brasil:

- a) requalificação para o desempenho e consolidação da função de sub-centro[sic];
- b) descentralização de atividades comerciais e de serviços e institucionais de médio porte;
- c) qualificação e ampliação dos espaços públicos;
- d) reorganização do tráfego e reurbanização do sistema viário, com alargamento de vias de pedestres e melhorias relativas à movimentação urbana;
- e) criação de sistema de estacionamento público, bem como incentivos à implantação de estacionamentos privados;
- f) aproveitamento e reurbanização de espaços abertos, áreas verdes, praças e largos;
- g) criação de espaços de vivência; e

h) incentivo à implantação de usos comerciais, de serviços e institucionais, mediante parâmetros permissivos de ocupação. (VITÓRIA DA CONQUISTA, 2006, p. 8-9).

Diante do que fora exposto até aqui, evidencia-se que o bairro Brasil se trata de fato de um subcentro da cidade de Vitória da Conquista, o seu comércio é diversificado, e possui várias atividades iguais as do centro, porém, numa menor escala. Essa descentralização comercial acabar por facilitar o acesso dos moradores de áreas mais distantes do centro aos produtos e serviços que eles demandam, culminando assim numa economia de tempo e dinheiro.

3.3 Expansão comercial e importância do subcentro bairro Brasil

Com todos os incentivos do poder público, bem como com o interesse do capital privado, o comércio do bairro Brasil expandiu-se e hoje oferece ao seu público uma grande variedade de lojas e serviços, a fim de obter dados mais detalhados acerca do comércio do bairro foi realizado um trabalho de campo que consistiu em contabilizar os estabelecimentos comerciais e de serviços que compõem o subcentro¹⁰ conforme relacionado no Quadro 2:

Quadro 2 – Quantidade de comércios e serviços situados no bairro Brasil

| Comércios e Serviços | Quantidade |
|---------------------------------------|------------|
| Academias de ginástica | 8 |
| Acessórios automotivos ¹¹ | 34 |
| Açougues e comércio de frios em geral | 11 |
| Agências bancárias | 3 |
| Agências de viagens | 1 |
| Agências dos correios | 1 |
| Aluguel de roupas | 1 |
| Armarinhos | 7 |
| Artigos para festas | 8 |
| Assinatura de TV | 1 |
| Atacado de motopeças | 1 |
| Ateliê de costura | 1 |
| Auto elétricas | 12 |
| Auto escolas | 4 |
| Bancas de revistas | 1 |

¹⁰ Não estão inclusos os boxes da feira livre, e sim o comércio nas ruas e avenidas do subcentro.

¹¹ Estão inclusos acessórios como sons, alarmes, baterias e insulfilm.

Quadro 2 – Quantidade de comércios e serviços situados no bairro Brasil (continuação)

| Comércios e Serviços | Quantidade |
|---|-------------------|
| Bares e Restaurantes ¹² | 231 |
| Borracharias | 18 |
| Brechó | 1 |
| Capotarias | 2 |
| Casas lotéricas | 4 |
| Chaveiros | 5 |
| Clínicas médicas | 7 |
| Clínicas odontológicas | 5 |
| Clínicas veterinárias | 1 |
| Comércio de extintores | 2 |
| Comércio de ferramentas e parafusos | 8 |
| Comércio de material reciclável | 7 |
| Comércio de metais | 3 |
| Comércio de piscinas | 1 |
| Comércio de sementes | 4 |
| Comércio de sucatas | 3 |
| Comércio de tintas automotivas | 1 |
| Confecção de faixas/letreiros e cavaletes | 1 |
| Cooperativa de crédito | 1 |
| Conserto de móveis e estofados | 8 |
| Correspondentes bancários | 2 |
| Corretoras de imóveis | 4 |
| Corretoras de seguros | 4 |
| Cursos de idiomas | 1 |
| Distribuidoras ¹³ | 22 |
| Eletricistas | 1 |
| Eletrônicas | 10 |
| Emplacadora | 1 |
| Empreiteiras | 1 |
| Escolas de dança | 1 |
| Escolas de música | 2 |
| Escolas particulares | 14 |
| Escritórios de advocacia | 2 |
| Escritórios de contabilidade | 5 |
| Escritórios de representação | 2 |
| Estúdios de foto e vídeo | 3 |
| Estúdios de tatuagem | 4 |
| Fábrica de balcões | 1 |

¹² Estão inclusos bares, bombonieres, churrascarias, espetinhos, lanchonetes, pastelarias, petiscarias, restaurantes, sorveterias, tapiocarias, trailer de lanches, etc.

¹³ Estão inclusas distribuidoras de todos e quaisquer produtos.

Quadro 2 – Quantidade de comércios e serviços situados no bairro Brasil (continuação)

| Comércios e Serviços | Quantidade |
|--|------------|
| Fábricas de bolos e/ou biscoitos ¹⁴ | 16 |
| Fábricas de cofres | 1 |
| Farmácias e Drogarias | 17 |
| Financeiras | 3 |
| Floriculturas | 2 |
| Gráficas | 13 |
| Hotéis | 3 |
| Laboratórios de análises clínicas | 6 |
| Laboratórios de próteses dentárias | 1 |
| Lavanderias e limpeza de roupas | 2 |
| Lojas de artigos esportivos | 2 |
| Lojas de artigos militares | 1 |
| Lojas de bicicletas | 5 |
| Lojas de carimbos | 2 |
| Lojas de celular | 7 |
| Lojas de produtos de limpeza | 2 |
| Lojas de tecidos | 1 |
| Madeireiras | 8 |
| Marcenarias | 8 |
| Nutrição esportiva | 3 |
| Oficinas de bicicletas | 5 |
| Oficinas de consertos elétricos | 17 |
| Oficinas mecânicas ¹⁵ | 98 |
| Óticas | 5 |
| Panificadoras | 13 |
| Papelarias | 11 |
| Perícia automotiva | 1 |
| Pet Shop | 12 |
| Postos de lavagem | 9 |
| Quitandas | 5 |
| Relojoarias | 1 |
| Salões de beleza | 137 |
| Salões de evento | 2 |
| Sapatarias | 5 |
| Selarias | 1 |
| Serigrafias | 3 |
| Serralherias | 15 |
| Serviço de energia solar | 1 |
| Serviços de informática ¹⁶ | 20 |

¹⁴ Estão inclusas as fábricas micro, pequenas e médias.

¹⁵ Estão inclusas oficinas de carros, motocicletas, ônibus, caminhões e tratores.

¹⁶ Estão inclusos serviços de impressão, fotocópia, lanhouse, etc.

Quadro 2 – Quantidade de comércios e serviços situados no bairro Brasil (continuação)

| Comércios e Serviços | Quantidade |
|---|-------------|
| Serviços de segurança particular | 1 |
| Serviços de terraplanagem | 1 |
| Serviços de torno e solda | 3 |
| Sex shops | 1 |
| Tapeçarias | 1 |
| Transportadoras | 2 |
| Varejo de alimentos ¹⁷ | 45 |
| Varejo de automotores ¹⁸ | 17 |
| Varejo de combustíveis | 4 |
| Varejo de cosméticos | 3 |
| Varejo de material de construção | 29 |
| Varejo de móveis e equipamentos domésticos novos | 16 |
| Varejo de móveis e equipamentos domésticos usados | 2 |
| Varejo de peças para automotores | 64 |
| Varejo de roupas e acessórios ¹⁹ | 114 |
| Vidraçarias | 7 |
| Total | 1261 |

Fonte: Paloma Gardênia da Silva Faustino, 2014.

O comércio está distribuído por todas as ruas e avenidas do bairro Brasil, no entanto, evidencia-se uma maior concentração nas avenidas Ilhéus, Frei Benjamim, Brumado, Deraldo Mendes, Rio-Bahia, Itabuna e Alagoas, os estabelecimentos comerciais nessas avenidas correspondem a 58,2% do total do comércio de todo o bairro (Figura 27).

Figura 25 – Avenidas com maior concentração comercial no bairro Brasil

Fonte: Google Maps, 2014.

¹⁷ Estão inclusos Supermercados, mercados, mercearias e armazéns.

¹⁸ Estão inclusos varejo de carros e motocicletas.

¹⁹ Estão inclusos varejo de confecções, calçados, bijuterias, fardamentos, e utilidades.

Os setores que mais se destacam em relação a quantidade são o varejo de roupas e acessórios, salões de beleza, oficinas mecânicas e bares e restaurantes, eles representam 46% de todos os estabelecimentos comerciais do bairro.

O varejo de roupas e acessórios e os salões de beleza se mostram presentes por todo o bairro, vão desde estabelecimentos localizados em pontos comerciais improvisados na própria casa dos comerciantes, até estabelecimentos grandes que proporcionam uma maior variedade de produtos e serviços. As oficinas mecânicas se concentram principalmente as margens da Rio-Bahia, é um comércio que já se mostrava bastante promissor desde os anos de 1960, já os bares e restaurantes estão, em sua maioria localizados à Avenida Frei Benjamim, avenida que conta também com um comércio móvel formado por barracas de acarajé, cachorro-quente, pastel, entre outros.

O comércio do bairro Brasil se mostra bastante representativo para o comércio da cidade de um modo geral, atraindo dessa forma investimentos do capital privado para essa área da cidade, inclusive algumas lojas que possuem suas matrizes no centro da cidade, como exemplificado na Figura 28, começaram a abrir suas filiais no bairro Brasil visando um maior alcance do seu público, dentre elas estão: Silva Calçados, G4, Insinuante, Nova, Zumm Baby, Farmácia 24 horas, entre outras. A presença desses estabelecimentos no subcentro evidencia sua relevância no espaço urbano.

Figura 26: Loja que tem a sua matriz no centro da cidade.



Fonte: Paloma Gardênia da Silva Faustino, 2014.

Apesar da importância desse subcentro e da população ter à sua disposição uma área comercial vasta e diversificada, não se pode ignorar uma característica observada no comércio do bairro Brasil, o mesmo se trata de um comércio mais popular, fazendo com que os consumidores procurem o centro da cidade quando estão em busca de algo mais sofisticado, tanto no que diz respeito ao ramo de confecções quanto quando se trata de serviços médicos, conforme depoimentos:

²⁰**A mulher sempre vai ao centro, se a gente vai comprar uma roupa a gente sempre vai atrás de outras opções, aqui o comércio é mais popular, se hoje você está com um poder aquisitivo mais ou menos aí você já vai se encaminhando pra outras direções,** tem também as clínicas, meus médicos atendem lá do lado leste. Quando há uma necessidade de ir ao fórum a prefeitura ao SAC (Grifo nosso).

²¹ É muito difícil eu ir lá ao centro, mas quando eu vou é mais pra ir ao banco, porque assim, até mês passado eu ia ao banco que eu mudei pra cá, antes eu usava o HSBC, e como HSBC só tinha no centro aí eu ia lá por conta disso, mas recentemente eu mudei para o Bradesco, fiz a portabilidade aí agora eu uso o Bradesco daqui, **e também clínicas médicas, aqui tem algumas, mas eu dou preferência lá para o centro por ter clínicas maiores, por causa do atendimento.** Vou à prefeitura também, quando preciso resolver algum documento de IPTU, documento pessoal (Grifo nosso).

²²**Só vou ao centro se for pra ir ao médico ou para comprar alguma coisa que eu não encontre aqui.** O tráfego de carro é muito intenso no centro, falta estacionamento gratuito e tenho que acabar pagando pelos estacionamentos privativos o que eu acho caro, faço de tudo pra não ir ao centro (Grifo nosso).

Além da busca dessa maior variedade encontrada na área central da cidade, os serviços realizados em órgãos públicos como a prefeitura, o SAC, SIMTRANS, fórum, também são motivos pelos quais os moradores do subcentro tenham que se deslocar até o centro da cidade, conforme depoimentos:

²³ Eu acho que o centro com aqui está quase competindo igual, quando eu trabalhava no correio da Barão do Rio Branco eu ia todo dia, mas hoje em dia aqui tem tudo, tem banco, tem correio, tudo aqui hoje é mais fácil, **só vou no centro quando preciso ir na prefeitura, no fórum, só o que não tem aqui** (Grifo nosso).

²⁰Senhora Ilzamar Moitinho Andrade, 70 anos, aposentada, comerciante no bairro há 52 anos.

²¹Adriene Pinto Ferreira Santos, 30 anos, Auxiliar Financeiro, mora no bairro há 24 anos.

²² Senhora Lineuza da Silva, 64 anos, comerciante no bairro há 45 anos.

²³Senhor Benjamim Alencar Paiva, 89 anos, aposentado, morador do bairro há 53 anos.

²⁴ Eu moro no bairro Brasil desde que eu tinha um ano, sou de Jequié, mas moro no bairro Brasil. Por que eu saio do bairro Brasil para ir ao centro? O primeiro motivo é o motivo de saúde, porque no bairro Brasil infelizmente não tem atendimento hospitalar de qualidade, tem o posto de saúde, mas o posto não cobre a necessidade dos moradores, se eu estiver com uma urgência mesmo com certeza eu não vou ter um atendimento de qualidade no posto. O segundo motivo é que aqui no bairro tem pouca variedade de lojas de roupas masculinas e não me dá o conforto que preciso para comprar minhas roupas. **Terceiro motivo são os serviços públicos como SAC, SIMTRANS, e principalmente o fórum. Deveria ter pelo menos uma sede, um escritório, alguma alternativa que facilitasse a vida dos moradores daqui bairro e também de outros bairros.** O quarto é que apesar de aqui ter algumas lojas de assistência técnica, não tem praticamente nenhuma que atenda a necessidade de um defeito mais grave seja num aparelho de televisão, seja num celular, você precisa ir ao centro pra resolver o problema (Grifo nosso).

²⁵ O bairro Brasil possui um comércio bastante diversificado, fator que facilita bastante a vida dos moradores, porém alguns setores ainda fazem com que tenhamos que nos deslocar para o centro da cidade. Por ser um bairro tradicional, onde se concentra uma boa parte da população da cidade, seria bastante viável que houvesse um atendimento às pessoas nos setores de marcação de exames, **SAC, cartórios**, hospitais, entre outros, isso facilitaria não só a vida dos moradores do bairro Brasil, mas também dos moradores do bairros vizinhos (Grifo nosso).

Uma outra característica desse subcentro é o horário de funcionamento do comércio, enquanto no centro da cidade em períodos normais o comércio funciona até as 12:00, no bairro Brasil o mesmo se estende até as 16:00, e aos domingos como é dia de bastante movimentação na feira livre, algumas lojas localizadas ao seu redor também funcionam proporcionando uma maior comodidade aos consumidores locais, conforme depoimento:

²⁶ Eu trabalho no centro da cidade e passo o dia todo na rua, a maior parte das coisas eu faço lá no centro, vou ao banco no centro, a compra também é lá no centro, no Nova Economia, aqui no São Luiz a gente também compra, mas nosso ticket só aceita lá no centro. Compro roupas lá porque o tempo que eu tenho para fazer as coisas é no intervalo do trabalho, então eu vou ao centro que é mais perto, já mainha que fica mais em casa ela faz as coisas por aqui, as vezes vai ali na malharia compra uma roupinha, é mais perto para ela, tem o Boticário ali agora também. **Tem uma vantagem aqui também, se você quiser comprar alguma coisa no final de semana que lá no centro só fica aberto até as 12:00, aqui fica até umas 16:00, 16:30.** Agora para comer é aqui não é? Aqui tem o Subway, tem pizzaria, espetinho, tapioca, comida natural, tem tudo (Grifo nosso).

²⁴ Alan Almeida Santos, 29 anos, Eletricista, mora no bairro há 28 anos.

²⁵ Iasmim Diniz Santos, 22 anos, Estudante, mora no bairro há 21 anos.

²⁶ Mônica Viana Borges, 29 anos, Estudante, mora no bairro há 26 anos.

Diante do que foi exposto, pode-se concluir que o bairro Brasil hoje é de fato um subcentro da cidade de Vitória da Conquista, No Capítulo 1 desse trabalho foi visto que o subcentro se trata de uma miniatura do centro, sem, no entanto se igualar a ele, ou seja, o subcentro não substitui a área central, alguns produtos e serviços continuarão sendo encontrados somente no centro da cidade, por isso apesar de os moradores do bairro Brasil terem à sua disposição um comércio considerado amplo e com uma diversificação não encontrada em outros bairros, ainda assim ele recorrerá a área central da cidade em algumas ocasiões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pôde ser constatado nessa pesquisa, o processo de formação e transformação do espaço urbano se dá ao longo do tempo conforme as necessidades dos agentes ali inseridos, a descentralização das atividades comerciais é um dos fenômenos que pode ocorrer numa determinada localidade, as novas centralidades modificam a estrutura urbana, uma vez que algumas características da área central agora passam a apresenta-se em outras áreas da cidade, podendo acarretar no surgimento de um subcentro, ou centros de bairro.

Destarte, embora possam vir a surgir na mesma cidade vários subcentros, ou centros de bairro, esses fenômenos de descentralização não afetam a importância do centro tradicional, uma vez que algumas atividades se consolidaram naquela localidade não havendo a necessidade ou a possibilidade de seu deslocamento para outras áreas.

As transformações ocorridas no espaço urbano de Vitória da Conquista mediante o seu desenvolvimento fizeram com que atividades que anteriormente só eram executadas no centro da cidade passassem a se deslocar para outras regiões, fomentando dessa maneira o surgimento de alguns centros de bairro bem como do subcentro que se formou no bairro Brasil.

O bairro Brasil por sua vez surge em paralelo com a construção da Rio-Bahia, abriga inicialmente os trabalhadores da estrada supracitada, logo depois é loteado, com o seu povoamento começa a haver uma necessidade de um comércio próprio, é criada uma feira livre e ao seu redor começa a surgir um comércio local promissor.

O Plano Diretor Urbano (PDU) que fora elaborado no ano de 1976 traz como um dos objetivos o fortalecimento do comércio do bairro Brasil, buscou-se com isso uma complementação para a área central já que a mesma mostrou-se insuficiente para atender toda a cidade, bem como o atendimento do potencial mercado consumidor local que já não precisará se deslocar até o centro da cidade em busca de alguns produtos e/ou serviços.

O bairro Brasil já aparece no PDU que fora elaborado no ano de 2006 como único subcentro da cidade de Vitória da Conquista, e busca a sua consolidação como tal, com investimentos públicos que visam um aprimoramento e melhoria do espaço urbano onde ele está inserido.

A busca pela maior acessibilidade dos moradores do bairro em questão por produtos e serviços fomentou um comércio que inicialmente se resumia a uma feira livre, ao redor dessa feira começam a surgir mercearias que comercializavam vários tipos de produtos.

Com o passar do tempo o comércio se expande atraindo investimentos públicos e privados, constrói-se um prédio que é a parte fixa da feira, asfaltam-se as ruas principais onde o as atividades comerciais estão concentradas, as residências começam a dar lugar a estabelecimentos comerciais e dessa maneira o bairro vai se modificando, são as transformações que o espaço urbano sofre a partir dos interesses dos agentes ali inseridos.

Diante do exposto, pode-se inferir que o bairro Brasil hoje atrai atividades de comércio e serviços, bem como consumidores de todas as partes da cidade e de outras cidades circunvizinhas, trata-se de um comércio mais popular, tendo em vista que não se trata de um bairro nobre. Apresenta os mesmos requisitos de otimização e acessibilidade da área central da cidade, embora em menor escala, e suas atividades econômicas são bem diversificadas, concentrando-se principalmente nas ruas ao redor da feira livre.

REFERÊNCIAS

- CARLOS, Ana Fani A. **A cidade**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1997. (Coleção Repensando a Geografia).
- CASTRO, Everardo Públio. **A Conquista de ontem e a de hoje. A Conquista**. Vitória da Conquista, 16 jul. 1944, p. 2
- COMÉRCIO PRIMITIVO DOS TROPEIROS E, DEPOIS, DOS CAXEIROS VIAJANTES. **Jornal Hoje**, Vitória da Conquista, p. 2-c, 09 nov. 2001.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.
- FERRAZ, A.E.Q.; ALMEIDA, M.C.C., Expansão urbana de Vitória da Conquista: questões sócio-territoriais. **Tecitura**,(3)1, Vitória da Conquista, 2012. Disponível em: <tecitura.juvenioterra.edu.br>. Acesso em: 01 jun. 2013.
- FERNANDES, Luiz. **Taberna da História do Sertão Baiano**. Disponível em: <<http://tabernadahistoriavc.com.br/category/conquista/>>. Acesso em: 01 jun. 2014.
- FERRAZ, Ana E. de Quadros. **O urbano em construção. Vitória da Conquista: um retrato de duas décadas**. Vitória da Conquista/BA: Edições UESB, 2001.
- FONSÊCA, Humberto José. Formação política da região sudoeste da Bahia. In: AGUIAR, Edinalva Padre et al. **Política: O poder em disputa** – Vitória da Conquista e Região. Vol. 4. Museu Regional de Vitória da Conquista/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 1999.
- GOOGLE MAPS. Disponível em: <<http://www.google.com.br/maps/place/preview>>. Acesso em: Maio 2014.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos demográficos**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: Maio 2014.
- MEDEIROS, R. H. de A. Aspecto Urbano de Conquista Através da História. **Fifó**, Vitória da Conquista, p. 7, 8 e 9, 11out. 1977 a.
- _____. Diversificação econômica, fator demográfico e participação política em Vitória da Conquista. **Fifó**, Vitória da Conquista, p. 8 e 9, 25out. 1977b.
- _____. O processo histórico conquistense – Traços gerais. **Fifó**, Vitória da Conquista, p. 9, 09 nov. 1977c.
- _____. O gado e os primórdios de Conquista. **Fifó**, Vitória da Conquista, p. 7, 22 nov. 1977 d.
- _____. Os loteamentos e a expansão urbana de Vitória da Conquista. **Fifó**, Vitória da Conquista, p.8-9, 25 jan. 1978.

_____. Vitória da Conquista primitiva. **Fifó**, Vitória da Conquista, p. 9, 11 out. 1977e.

MENEZES, Durval Lemos. **A Conquista dos Coronéis**. Vitória da Conquista: [s.n.], 2010. NOS PRIMEIROS TEMPOS, OS TROPEIROS ERAM QUEM ABASTECIAM O COMÉRCIO DE CONQUISTA. **Diário do sudoeste**, Vitória da Conquista, p. 9, 09 nov. 1998. Edição Especial.

PALMEIRAS, Junior; SANTOS, Araújo. Disponível em: <<http://blogdoaraujosantos.blogspot.com.br/2011/10/como-surgiu-ceasa-do-centro-de-vitoria.html>> Acesso em: 01 jun. 2014.

SILVA, Carlos A. F. O capital incorporador e a segregação social do espaço urbano. **Boletim Goiano de Geografia**, 12(1), p. 53-63, Jan/Dez, 1992.

SPÓSITO, Maria Encarnação B. **Capitalismo e Urbanização**. 4ª Edição. São Paulo: Editora Contexto, 1991.

TANAJURA, Mozart. **História de Conquista, crônica de uma cidade**. Vitória da Conquista: Brasil Artes Gráficas, 1992.

VIANA, A. **Revista Histórica de Conquista**. Vitória da Conquista: Vol. 1, 1982.

VIANA, A. **Revista Histórica de Conquista**. Vitória da Conquista: Vol. 2, 1982.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

VITÓRIA DA CONQUISTA (Município). **Lei nº. 118 de 22 de dezembro de 1976**. Dispõe sobre o Plano Diretor de Vitória da Conquista. Vitória da Conquista, BA, 1991. Mimeografado.

VITÓRIA DA CONQUISTA (Município). **Lei nº. 792/95 de 24 de novembro de 1995**. Institui oficialmente os bairros da cidade de Vitória da Conquista. Vitória da Conquista, BA, 1995. Mimeografado.

VITÓRIA DA CONQUISTA (Município). **Lei nº. 1.385/2006 de 26 de dezembro de 2006**. Institui o Plano Diretor do município de Vitória da Conquista e dá outras providências. Vitória da Conquista, BA, 2007.

